



Universidade do Porto

Faculdade de Desporto

Relatório de Estágio Profissional

“Despe(o)rtar” com Esperança – Reflexão sobre um Ano de Actividade

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientador: Professora Doutora Felismina Rosa Marques Pereira

Luís Pedro Gomes Soares de Melo

Porto, Junho de 2010

Ficha de Catalogação

Melo, L. G. S. (2010). *“Despe(or)tar” com Esperança - Reflexão sobre um Ano de Actividade*. Porto: L.Melo. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Palavras-chave: EDUCAÇÃO FÍSICA; FORMAÇÃO; CULTURA DESPORTIVA; PROFESSOR; ENSINO.

Índice Geral

Resumo.....	VII
Abstract.....	IX
1 Introdução.....	10
1.1 Prefácio	10
1.2 Caracterização Geral do Estágio Profissional	12
1.3 Finalidade e Processo de realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio	14
2 Enquadramento Biográfico	17
2.1 Reflexão Autobiográfica - Identificação e Percurso.....	17
2.2 Expectativas em Relação ao Estágio Profissional e Objectivos.....	20
3 Enquadramento da Prática Profissional.....	23
3.1 Ser Professor	23
4 Realização da Prática Profissional	31
4.1 Primeiras Impressões	32
4.2 Voto de Confiança.....	34
4.3 Dança na Escola – Universo Desconhecido	36
4.4 Super-optimização do <i>Badminton</i>	41
4.5 <i>Smash Inovador</i>	48
4.6 Relação com a Comunidade – <i>Percursos Paralelos</i>	51
4.7 Projecto de Investigação - Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo	57
4.7.1 Introdução	57
4.7.1.1 Pertinência do Projecto de Investigação.....	58
4.7.1.2 Objectivo do Projecto de Investigação	60
4.7.2 Metodologia.....	61
4.7.2.1 Amostra.....	62
4.7.2.2 Implementação do Projecto	62
4.7.2.3 Recolha das Entrevistas	63

4.7.2.3 Análise das Entrevistas	64
4.7.3 Resultados e Discussão	66
4.7.4 Conclusões do Projecto de Investigação	73
5 Perspectivas Futuras e Considerações Finais	75
5.1 O Amanhã	75
5.2 Considerações Finais	77
6 Bibliografia.....	78
7 Anexos	80

Índice de Anexos

Anexos	80
Palestra – Percursos Paralelos	81
Cartaz	81
Proposta de Execução da Palestra	82
Entrevistas	84
Estrutura das Entrevistas e Calendário	84
Projecto de Investigação – Folhetos Informativos	85
Sepak Takraw	86
Padel	87
Lacrosse	89
Slamball	92
Cricket	91
Curling	95
Indoor Bowls	94
Disc Golf	96
Fistball	97
Bossaball	98
Octopush	99
Timbersports	101
Wakeboard	103
Kabaddi	104
CD	84
Entrevistas	84
Vídeo da Palestra	84

Índice de Figuras

Fig.1- Disposição do Campo de Badminton	43
Fig.2- Disposição do Campo de Badminton com Rede	44

Resumo

O presente relatório foi elaborado com o intuito de reflectir os acontecimentos ocorridos ao longo de um ano lectivo de trabalho, ao longo de um Estágio Profissional na área de Educação Física, na Escola Secundária Carolina Michaëlis, na cidade do Porto. A estruturação deste relatório tentou debater não apenas os acontecimentos marcantes ao longo deste ano, mas também um enquadramento sobre as temáticas do processo de ensino segundo as directrizes que consideramos fundamentais. O foco essencial do trabalho remete para as características do professor actual, segundo uma concepção “ideal” do mesmo que guiou e orientou a conduta adoptada. Para além de relato dos acontecimentos marcantes, este relatório visa ainda abordar e justificar a implementação de um projecto levado a cabo na turma do 12ºE, turma com uma amostra de 19 alunos. Este projecto sobre uma intervenção cultural do fenómeno desportivo teve como intuito o crescimento cultural e desportivo dos alunos, através de um crescente conhecimento. É possível e necessário criar ambientes de criação e pensamento através da disciplina de Educação Física, universo propício para a evolução dos nossos alunos no seu caminho árduo de formação e desenvolvimento orientado por um dos seus grandes formadores, o Professor.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO FÍSICA; FORMAÇÃO; CULTURA DESPORTIVA; PROFESSOR; ENSINO.

Abstract

The present report was made with the aim to reflect the events occurred during one academic year of work, during a Professional Internship on the Physical Education area, at the secondary school Carolina Michaëlis, in the city of Oporto. The structure of this report tried to debate not only the most important events of this year, but also vital themes of the educational system that were assumed as significant. The core of the report shines for the characteristics of the actual teacher, according to our “ideal” conception that guided the work and way of dealing with things. Apart from these significant events, this report leads and tries to justify the implementation of a project in the 12ºE class, which is composed by 19 students. This project was about a cultural intervention of the sportive phenomenon, with the intent of enhancing and improving the sport culture of the students, through the way of a growing sportive knowledge. We believe that is possible and necessary to create thinking and creational environments through the subject of Physical Education, a prosperous universe for the development of our students on their hard and tuff way for education oriented by one of their most important formers, the Teacher.

Key words: PHYSICAL EDUCATION; FORMATION; SPORT CULTURE; TEACHER; EDUCATION.

1 Introdução

1.1 Prefácio

Ao longo da nossa vida vamos determinando os pressupostos que vão guiar o nosso caminho e delineamos as nossas metas e objectivos a alcançar. A realização de um Estágio Profissional ao longo de um ano lectivo pode ser considerado como um objectivo a ultrapassar no nosso percurso no Ensino Superior, numa fase terminal do nosso trajecto no mesmo. Sem dúvida que esta proximidade final que advém do Estágio Profissional consagra-lhe uma aura vital do processo de formação de um futuro professor de Educação Física. Esta prática supervisionada resulta na produção de um trabalho árduo e longo durante um ano lectivo de leccionamento, ao longo do qual estamos responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem de pelo menos uma turma de uma determinada escola, do ensino básico ou secundário.

A singularidade de cada experiência confere muitas vezes situações únicas e peculiares. Sem dúvida, que ao longo do nosso percurso no Ensino Superior no caminho afunilado para o Estágio Profissional que o culmina, somos formatados e moldados para actuar em determinadas situações prováveis, mas são as vicissitudes inesperadas que marcam mais afincadamente o nosso processo. Tendo estes pressupostos em consideração, a elaboração deste Relatório de Estágio visará a busca da singularidade na minha experiência. São estes aspectos únicos que a valorizam e sobre os quais vale a pena reflectir. Sem dúvida que todo o processo é importante, mas as situações que segundo a nossa concepção alcançam um nível relevante são mais estimulantes.

Ao longo deste relatório é reportada a experiência ocorrida na Escola Secundária Carolina Michaëlis e todas as suas peculiaridades num sentido mais geral do processo, com uma observação e análise mais específica focada nas aulas de Educação Física do 12º E, turma que me foi atribuída no âmbito do Estágio Profissional, parte integrante do 2º ano do Mestrado do 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Numa fase introdutória do relatório, é realizada a caracterização geral do Estágio Profissional e local onde o mesmo foi realizado, com o intuito de

retratar a realidade encontrada de maneira simples e minuciosa. É fundamental situar e retratar o contexto vivido de maneira a não tornar as descrições e observações realizadas de forma ambígua e descontextualizada. Os parâmetros legais da elaboração do mencionado estágio e do relatório também são mencionados num caminho sequencial para a apresentação do autor, do seu percurso e identificação.

As expectativas iniciais também são referidas, assim como, os objectivos delineados com a função de orientadores da conduta utilizada e incutida. É importante definir princípios orientadores para não fugirmos à competência e coerência necessárias e inerentes à profissão do professor, situação com a qual nos deparamos neste Estágio Profissional.

Consequentemente, é fulcral debruçarmo-nos e reflectirmos sobre as características e situações que ocorrem ao longo do processo de ensino-aprendizagem, assim como o que é ser professor e as suas linhas orientadores. Nesta fase é feita uma revisão geral das características adjacentes à prática de ensino, características que balizam e definem condutas.

Por último, é feita uma abordagem e descrição à realização da prática profissional, aos momentos mais marcantes e que segundo a nossa concepção foram mais valiosos no processo de formação. O principal foco desta parte incide no Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo, projecto este implementado na turma do 12ºE da Escola Secundária Carolina Michaëlis.

1.2 Caracterização Geral do Estágio Profissional

A Escola Secundária Carolina Michaëlis faz parte do núcleo duro das escolas secundárias da cidade do Porto. A escola abriu as suas portas na Rua de Cedofeita, com o nome de Liceu Carolina Michaëlis exclusivo para o sexo feminino. Em 1921, com o nome Liceu Central Feminino de Sampaio Bruno, mudou-se para a Praça do Coronel Pacheco e daí, em 1926, para a Rua de São Bento da Vitória. Com o Estado Novo foi construído o actual edifício, situado na Rua da Infanta D. Maria. Após o 25 de Abril de 1974, a palavra *Liceu* foi substituída por *Escola Secundária* que, a partir de 1979, deixou de estar exclusivamente reservada a alunas, passando a ser mista. A escola está situada no coração da cidade do Porto, muito perto da Rotunda da Boavista, uma das referências da cidade e possui excelentes acessibilidades, principalmente para a utilização de transportes públicos, visto que existe uma estação de metro mesmo em frente à escola com o mesmo nome, assim como diversas paragens de autocarro nas imediações.

O momento actual da escola, também alberga um sentimento de mudança visto que esta foi remodelada recentemente, remodelação que ainda não foi totalmente concluída. A escola está moderna e bem actualizada criando um excelente ambiente dentro do universo escolar. Em termos de infra-estruturas desportivas, estas sofreram um atraso significativo nas obras de remodelação, situação que condicionou o início das actividades. Neste momento temos ao nosso dispor 3 espaços para leccionarmos a disciplina de Educação Física, para além do espaço exterior. O pavilhão gimnodesportivo, um ginásio e uma sala de desporto. Todas estão bem equipadas e as normas de segurança podem ser estabelecidas e mantidas. Porém, é com alguma consternação que se identificaram várias falhas nas novas instalações, situação alarmante porque de facto são obras acabadas de finalizar. No pavilhão, as marcações estão efectuadas para albergar apenas duas turmas ao mesmo tempo, embora na maior parte das vezes estejam três turmas a utilizar esse espaço. Em termos materiais, a modalidade mais “marginalizada” foi o Basquetebol visto que ainda só existem duas tabelas desta modalidade suspensas no pavilhão colocadas no centro do mesmo, para uso apropriado do campo central o que torna a abordagem da modalidade bastante condicionada.

O grupo de professores de Educação Física é muito grande, composto por dezoito professores, na sua maioria professores que transitaram de outras escolas. No que diz respeito ao relacionamento com os restantes professores, ele é bastante positivo sendo que estes sempre demonstraram compreensão e disponibilidade para ajudar no que for preciso os professores estagiários. O núcleo de estágio é composto apenas por dois elementos de um grupo inicial de três, porque um dos estagiários abandonou o processo precocemente. A relação com a orientadora de estágio roça a perfeição, evoluindo a cada dia que passa. A harmonia impera no seio do núcleo e, tal como esperado, o ano lectivo desenrolou-se em problemas de maior.

No que diz respeito à turma que me foi atribuída, o 12ºE, temos de considerar que seria muito difícil uma melhor turma nesta primeira experiência como professor. A turma é composta por 19 alunos, todos eles com uma grande predisposição para a prática desportiva. Existem vários níveis na turma em termos de habilidade e apetência para a prática desportiva, não havendo nenhuma situação alarmante. Todos os alunos são muito empenhados, participativos e com vontade de aprender, havendo mesmo alguns casos que podem alcançar o patamar máximo em termos de classificações. Esta situação apenas veio aumentar o grau de exigência. O facto de ser uma turma muito boa pressupõe um trabalho maior. São alunos interessados, embora com algumas lacunas na área da concentração. No entanto, todos, sem excepção, querem trabalhar e otimizar ao máximo a aula de Educação Física. Foi importante o entusiasmo transmitido pelo professor nas aulas iniciais para tentar cativar os alunos e criar desde muito cedo uma excelente e crescente relação Professor/Aluno. Pese embora a diferença de idades Professor/Alunos ser muito reduzida, situação que me colocava algumas reticências no início, foram ultrapassados os receios iniciais. Sendo uma turma bastante heterogénea em termos de personalidade alcançou uma homogeneidade em termos de performance, com níveis bastante elevados em termos de qualidade, com alguns elementos como é habitual a assumirem um papel de destaque, mas sem grande discrepância com a generalidade da turma.

1.3 Finalidade e Processo de Realização do Estágio Profissional e do Relatório de Estágio

O Estágio Profissional na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), do qual este Relatório de Estágio é fundamentado em termos factuais, está inserido no 2º Ciclo do Ensino Superior, no 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, enquadra-se de acordo com determinadas exigências legais e institucionais.

É fundamentado segundo o Regulamento do 2º Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, de Janeiro de 2010, que *“visa desenvolver e complementar o regime jurídico instituído pelo Decreto-lei nº. 74/2006 de 24 de Março, actualizado pelo Decreto-Lei nº. 107/2008 de 25 de Junho, pelo Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro e demais legislação aplicável, no que diz respeito aos cursos de 2º Ciclo, bem como o Regulamento Geral dos Cursos de 2º Ciclo da Universidade do Porto.”*

De acordo com o Artigo 6º do mesmo regulamento, artigo este confinado à Organização do Estágio Profissional e Orientação do Relatório de Estágio, a *“FADEUP celebra protocolos de cooperação com uma rede de escolas do ensino básico e secundário nos quais se estabelece as condições para a realização do Estágio Profissional. A orientação do estágio profissional é realizada por um docente da FADEUP, com o grau de Doutor ou especialista com mérito reconhecido pela Comissão Científica na área científica do ciclo de estudos, em colaboração com um professor da escola cooperante onde tem lugar a prática supervisionada, designado orientador cooperante.”*

O ponto 3 do mesmo artigo, refere que *“a avaliação do desempenho dos estudantes estagiários na prática de ensino supervisionada é realizada pelo respectivo orientador da FADEUP, tomando necessariamente em conta a informação do orientador cooperante e do coordenador do departamento curricular que engloba a área de Educação Física e Desporto.”*

Ao longo deste 2ºano existem dois “monstros” que convivem lado a lado, cerne da nossa preocupação. Para além do mencionado Estágio Profissional existe a elaboração do presente documento de Relatório de Estágio, que segundo o ponto 2 do artigo 7º do mesmo documento *“deverá reflectir de forma*

rigorosa, crítica e fundamentada a experiência formativa e evidenciar o desenvolvimento das competências profissionais associadas a um ensino da Educação Física de qualidade nas seguintes Áreas de Desempenho:

- a) Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem*
- b) Participação na Escola*
- c) Relações com a Comunidade*
- d) Desenvolvimento Profissional.”*

São estes os principais elementos a reter do mencionado regulamento, não obstante que a sua consulta minuciosa e leitura completa foram fundamentais para a realização de todo este processo. No entanto não me parece necessária uma reflexão mais extensa sobre o mesmo.

2 Enquadramento Biográfico

2.1 Reflexão Autobiográfica - Identificação e Percurso

Nos dias que hoje correm, existe uma standardização cada vez mais crescente de uma forma de formação que é realizada segundo determinados pressupostos previamente definidos. Numa sociedade cada vez mais carente de criatividade mas, ao mesmo tempo, cada vez mais valorizadora do que é fora do comum, o meu percurso académico assumiu contornos diferentes do normal. O desporto está em todo o lado e bastante intrínseco na sociedade moderna e quem se especializa nesta área, no meu entender, pode também utilizar as características anteriormente mencionadas para moldar a sua formação.

Ao longo de doze anos estudei na cidade de Braga até ingressar no Ensino Superior, mudando também a minha residência permanente para a cidade do Porto. O meu percurso no Ensino Superior estava então iniciado na área da minha predilecção, o desporto.

Com uma vontade de aventura e de busca pelo desconhecido, faceta inculcada pelas minhas entidades paternas, ao longo destes quatro anos de estudos no Ensino Superior estudei em três universidades distintas em três países diferentes. A nossa faculdade possibilita a realização de um programa de mobilidade Erasmus numa faculdade parceira noutro país europeu por um período de dez meses, oportunidade aproveitada para abandonar o nosso país por um ano lectivo para estudar na Universidade de Gent, na Bélgica, durante o 3º ano da licenciatura no ano lectivo 2007/2008. Assim, aos 20 anos parti sozinho para o centro da Europa para crescer em termos pessoais, sociais e académicos. A autonomia necessária para albergar este tipo de oportunidades, transporta-nos para um patamar superior na formação como seres humanos. Para além das melhorias consideráveis em termos pessoais e sociais, em termos académicos as vantagens foram imensas. Todas as minhas aulas eram leccionadas em inglês e foram uma mais-valia para o meu curriculum, nomeadamente as disciplinas práticas, Ténis de Mesa e Badminton e a disciplina teórica de Casos Clínicos. As duas primeiras componentes práticas foram bastante benéficas principalmente para o ano lectivo corrente, visto que

são modalidades que não estão presentes na tal formação “standard” da nossa faculdade, mas que ao mesmo tempo fazem parte das disciplinas abordadas na escola. A disciplina de Casos Clínicos foi a que mais me marcou das componentes teóricas ao longo do ano. Foi uma abordagem bastante distinta e inovadora que me cativou desde o primeiro momento. Ao longo de duas horas com intervalo, o professor fornecia-nos a caracterização de uma personagem fictícia, que revelava sintomas de uma determinada doença que os alunos deveriam tentar identificar para posteriormente a esmiuçarmos. Na segunda hora eram apresentadas as limitações que essa mesma doença apresentava para a prática desportiva e como deveriam ser orientados os “pacientes” quando realizavam actividade física. As doenças abordadas eram distintas e englobavam situações como artrites, asma, SIDA e problemas hormonais. Foi uma disciplina muito interessante e que aumentou bastante a “panóplia de indivíduos” sobre os quais eu poderia intervir enquanto professor ou treinador.

O quarto ano foi realizado de novo na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e no final do mesmo parti para nova experiência fora de portas. Passei o Verão de 2009 a estudar na Universidade da Califórnia, Berkeley nos Estados Unidos ao abrigo do protocolo estabelecido com a Universidade do Porto chamado de Summer Sessions. Foram oito semanas de aulas intensivas com uma carga diária de sete horas, desde o dia 6 de Julho até o dia 14 de Agosto. Desta vez, com 22 anos, as disciplinas que frequentei, com elevado sucesso, foram a modalidade de Ténis, Nutrição e Toxicologia, Estatística e Fitness e Condição Física. Como é do senso comum os Estados Unidos são uma potência mundial em quase todas as áreas, não sendo o desporto uma excepção. A disciplina de Nutrição e Toxicologia foi muito interessante, porque me deu um conhecimento mais específico sobre as fontes de energia que os variados alimentos nos podem fornecer, assim como as diferentes dietas abordadas nas diferentes partes do mundo. Nas aulas práticas, tenho de destacar a disciplina de Fitness e Condição Física que me proporcionou uma formação específica sobre a vivência no contexto de um Ginásio, formação que não possuía na nossa faculdade, visto que a minha especialização foi na área do Alto Rendimento. Numa primeira fase, abordávamos a teoria sobre os tipos de treino adoptados e, posteriormente, passava para o papel de “cobaia”, realizando os trabalhos físicos. Foi uma

experiência muito enriquecedora quer a nível social, quer em termos académicos, bastante distinta da anterior visto que pude frequentar uma das melhores faculdades do mundo, de onde saíram até à data 6 prémios Nobel em distintas áreas, no país mais “sonante” do mundo. A oportunidade de estudar no estrangeiro, de contactar com novas formas de ensino dentro da mesma área é muito positiva porque ficamos a conhecer diferentes realidades dentro do mesmo contexto, situação que nos possibilita estabelecer comparações.

Em termos desportivos, ao longo da minha vida já passei pelas diferentes realidades, desde praticante com a finalidade de lazer, passando por atleta federado e caminhando até ao presente onde sou treinador e formador. As modalidades praticadas vão desde a Natação ao Ténis, sendo que a modalidade de eleição é o Futebol que pratiquei como atleta federado ao longo de 8 anos, passando por clubes como o Sporting Clube de Braga ou o Maximinense, sendo que agora sou treinador nos escalões de formação de uma equipa do Campeonato Distrital de Braga da primeira divisão, no escalão de juvenis, denominada Arsenal da Devesa.

Penso possuir uma personalidade forte, com uma vontade enorme de inovar e fascínio pelo que é novidade. Sou uma pessoa extrovertida e afável com facilidade no contacto. Falo fluentemente duas línguas para além do português (inglês e espanhol), visto que estudei cinco anos num instituto britânico e dois no centro de estudos de espanhol. Considero-me um cidadão do mundo, visto que já visitei destinos muito peculiares como Israel, Jordânia, Egipto, Estados Unidos ou Suécia espalhados por quatro continentes (Europa, Ásia, África e América do Norte). Não me considero senhor da verdade e identifico com regularidade as minhas lacunas, mas mais importante que isso, sei perfeitamente que ainda tenho muito que aprender. Findado este ano lectivo, gostaria de continuar a minha formação, possivelmente na área da gestão desportiva com uma nova aventura no estrangeiro.

2.2 Expectativas e Concretização do Estágio Profissional

A evolução faz parte da génese humana e influencia todas as áreas da sociedade. Intrinsecamente conectada à palavra mudança, afectou o Ensino Superior sob a forma de Processo de Bolonha. Com a procura de uma standardização dos cursos do Ensino Superior a nível Europeu, este processo comportou consigo uma data limite para a sua implementação. Muitas vezes considerado como um processo virtual, ele atingiu o universo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto muito antes da sua real implementação na mesma. No ano Lectivo de 2005/2006, data do meu ingresso no Ensino Superior, já se supunha que esse seria o último ano da licenciatura antiga, no entanto eu só me vim a deparar com ele no meu 5º ano da licenciatura. Com este encontro há muito anunciado mas constantemente adiado, o meu percurso académico foi completamente transfigurado já muito perto da sua conclusão. Fazendo uma espécie de “ponto da situação”, neste preciso momento encontro-me a concluir o 2ºano de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário onde estou a realizar Estágio Profissional no terreno, ou seja na escola assumindo o papel de professor estagiário, mas ao mesmo tempo também uma vertente teórica leccionada nas instalações da FADEUP. Portanto a grande alteração ocorrida com este “caos” sintetizadamente descrito anteriormente, pressupõe a não total disponibilidade do professor estagiário para o seu trabalho no terreno, mas também a sua difícil disponibilização para a “vertente teórica” implementada este ano.

Apesar de todas estas condicionantes ocorridas ao longo dos primeiros tempos deste novo ano lectivo, novo no verdadeiro sentido globalizante da palavra, as minhas expectativas eram elevadas. Consciente das minhas capacidades para leccionar numa escola secundária, não posso esconder que foi com muito agrado que vi que tinha sido colocado na Escola Secundária Carolina Michaëlis. No primeiro contacto com a escola, pude verificar que assim como muitas outras, esta tinha acabado de ser completamente remodelada em todas as suas áreas, com material e equipamento de topo. A minha principal preocupação para a partida para este estágio prendia-se com a imaturidade e algum receio de não estar à altura do desafio. Considero importante ser sempre cauteloso ao longo das etapas da vida, “cautelismo”

sempre associado a uma boa auto-estima e confiança. Quando tomei conhecimento de que iria leccionar a disciplina de Educação Física a uma turma de 12º, fiquei um pouco alarmado, principalmente com a curta diferença de idades entre o professor e os alunos. Com um “intervalo de tempo” bastante reduzido a separar-me dos alunos pensei que o principal obstáculo que iria encontrar estava relacionado com questões de autoridade e controlo da turma. Para que tal não acontecesse, uma boa intervenção inicial assumiu contornos fundamentais. É crucial aproveitarmos esta proximidade para estar sempre conscientes da realidade em que os nossos alunos se encontram, estando sempre ao corrente dos acontecimentos. Devemos também delinear e estabelecer a hierarquização na sala de aula, assumindo proximidade com os alunos mas fazendo-os entender quem está no comando dos acontecimentos e logicamente no topo da pirâmide.

O meu objectivo para este ano lectivo foi o de realizar um trabalho com uma elevada qualidade, subindo muito a fasquia da exigência. Queria influenciar os meus alunos positivamente, mostrar-lhe vários caminhos que poderiam percorrer dentro do mesmo universo deste fenómeno desportivo. Queria inovar, queria quebrar com tradições e desdém para com a disciplina. Consciente da necessidade de uma valorização da disciplina de Educação Física nas escolas onde os professores da área que devem assumir esta função sem declinarem as suas responsabilidades. Procurei trabalhar arduamente ao longo do ano para estar sempre informado sobre a realidade actual do desporto mundial para assim transmitir essa informação aos meus alunos. Parti do pressuposto que iria fazer um apelo incessante para com eles, tentando cativá-los para a prática desportiva e acompanhamento das diversas competições.

O desporto está em todo o lado, muito intrínseco na sociedade moderna. Nem toda a gente tem consciência deste facto, mas ao longo do ano lectivo tentei comprometer-me a criar nos meus alunos um espírito e familiarização com o desporto em geral. Tinha como princípio orientador que bastaria um dos meus alunos responder ao meu apelo para que o espírito de “missão cumprida” se apoderasse de mim.

3 Enquadramento da Prática Profissional

3.1 Ser Professor

No universo com o qual nos deparamos actualmente, existem características que nos permitem estar actualizados perante o mesmo, compactuando com os demais numa simbiose social. O mundo está em constante reformulação e é necessário adaptarmo-nos ao presente em todas as tarefas laborais da sociedade, onde se insere a profissão de professor.

O professor “moderno” tem de se adaptar ao contexto que o rodeia e de acordo com o mesmo deve alicerçar a sua conduta na escola. O ser humano ao longo do seu processo de formação supervisionada encontra no professor o seu principal formador, apenas suplementados pelos pais. É necessário os professores compreenderem que são parte integrante da formação dos profissionais do futuro nas mais diversas áreas, profissionais estes que vão ser influenciados pelos ditos professores/educadores. Brustad (1996) debruçou-se sobre esta temática quando estudou a influência parental dos jovens atletas. Como consequência da dependência das crianças das fontes de informação adultas para julgar competências, em combinação com os elevados níveis de envolvimento dos pais nas competições desportivas dos seus filhos, é lógico supor que os comportamentos e feedbacks dos pais têm um impacto significativo no desenvolvimento do auto-conceito das crianças, durante os primeiros anos da sua participação desportiva. Depois das entidades paternas vêm os feedbacks dos professores/educadores.

A profissão de professor é uma profissão única devido a inúmeras razões, mas tem uma grande vantagem em relação às outras. Todo o professor já esteve do outro lado do processo, ou seja, todos os professores já foram alunos. Se já fomos alunos, possuímos no nosso subconsciente influências positivas e negativas sobre os professores/educadores da nossa era como alunos. Um médico pode nunca ter sido doente, um professor teve de ser aluno. Esta situação é em todas as suas vertentes vantajosa porque um professor teve no mínimo 15 anos de formação obrigatória, durante os quais criou uma ideologia do que era para si um bom professor e um mau professor, através dos seus próprios pressupostos e vivências. O facto de termos sido alunos durante tanto tempo permite-nos compreender melhor os nossos

educandos, as suas preocupações, as suas expectativas e o seu modo de relacionamento no contexto escolar. Consequentemente, o professor conhece ao pormenor o seu “cliente” porque já pertenceu a esse universo, podendo compreender a sua realidade, obviamente adaptada ao seu tempo e método presente.

O tempo passa e os métodos alteram-se, a sociedade está em constante mudança para um futuro incerto. O professor de hoje deve estar munido de capacidades para enfrentar todo o tipo de situações. Espírito Santo (2009) confrontado com a indisciplina da sala de aula também considerou que os professores actuais e recém chegados à profissão albergam consigo vantagens em relação os demais. São mesmo os professores há mais tempo em actividade que correm o risco de sofrer mais os efeitos da indisciplina discente na esfera pessoal e profissional, por estarem cultural, e nalguns casos, técnica e emocionalmente, mais desmunidos do que os seus colegas recém-chegados à profissão para prevenirem as situações em que ocorrem incidentes disciplinares. Hoje, como professores, somos mais capazes em algumas áreas. No entanto, o factor experiência não pode ser desvalorizado, principalmente porque esta também vai suportando a evolução do professor ao longo da sua carreira, “transmitindo-lhe” conhecimentos e capacidades ausentes no início da sua actividade.

A formação do professor nunca é feita na sua totalidade, esta mesma formação vai sendo construída ao longo da sua carreira como docente. Partilhando da ideia de Rodrigues (2007) a profissão de professor aprende-se na escola e na sala de aula e é um processo longo, de uma vida em constante formação. É impossível retratar, ao longo da nossa formação, todas as situações e obstáculos que vamos encontrar ao longo da nossa carreira. Todos os dias são distintos, todos os dias são de aprendizagem, todos os dias são necessários. Quanto mais aulas um professor leccionar mais apto ele estará para a sua profissão. Espírito Santo (2009) reforça esta ideia quando confrontado com o conhecimento do professor, o conhecimento que se possui sobre como aprendem os adultos e de forma mais concreta os professores, parece apontar que o elemento mais decisivo é a prática, e a prática dos professores são as “aulas”, que hoje em dia exigem professores actualizados. Logicamente que esta questão da experiência não se reporta apenas ao

número de aulas que vamos leccionar ao longo da vida. Não é uma fórmula exacta, não significa que se ao longo do nosso percurso alcançarmos um valor numérico de aulas leccionadas somos automaticamente um professor capaz e experiente. Um professor experiente é aquele que já adquiriu conhecimento em termos reflexivos da sua prática ao longo do tempo, estando munido de inúmeras estratégias e vivência qualitativas que originaram a sua evolução. Não é uma questão quantitativa das aulas mas sim, uma questão qualitativa das mesmas em termos de vivências e situações no processo de ensino-aprendizagem.

Consultando autores como Gonçalves (2009) concluímos que é hoje inquestionável que a formação ao longo da vida é uma resposta necessária aos permanentes desafios da inovação e da mudança e, simultaneamente, condição de promoção do desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. O chamado professor da era moderna, acompanha a evolução da sociedade e conhece profundamente o contexto em que está inserido. Vivemos na era da informação, que está presente em todos os momentos, em todos os locais e de quase todas as formas que possamos imaginar. Segundo Marcelo, (2009, p. 8) *“muito se tem escrito sobre a influência que as actuais mudanças sociais estão a ter na sociedade propriamente dita, na educação, nas escolas e no trabalho dos professores. Sempre soubemos que a profissão docente é uma “profissão do conhecimento”. O conhecimento, o saber, tem sido o elemento legitimador da profissão docente e a justificação do trabalho docente tem-se baseado no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos. Para que este compromisso se renove, sempre foi necessário, e hoje em dia é imprescindível, que os professores — da mesma maneira que é assumido por muitas outras profissões — se convençam da necessidade de ampliar, aprofundar, melhorar a sua competência profissional e pessoal.”* O professor actual tem de ter um conhecimento global, deve conhecer várias matérias, deve conseguir interligar diferentes disciplinas, deve influenciar o seu aluno em várias e diversas áreas. Marcelo (2009, p.8) continua a fomentar este pensamento, afirmando que *“para os docentes, ser professor no século XXI pressupõe o assumir que o conhecimento e os alunos (as matérias-primas com que trabalham) se transformam a uma velocidade maior à que estávamos habituados e que, para*

se continuar a dar uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos, teremos de fazer um esforço redobrado para continuar a aprender.” Amado et al. (2009), debruçando-se sobre o mesmo assunto complementa o mesmo. Interpretando as suas palavras podemos dizer que é certo que a actual conjuntura sócio-económica e cultural desafia a formação docente no sentido de dar respostas inovadoras em campos distintos como, por exemplo, do desenvolvimento curricular ou da tecnologia da comunicação e da informação, cerne do desenvolvimento actual. Consequentemente caminhamos para uma era de professor competente em várias áreas, um professor interdisciplinar, especialista numa determinada área, mas conhecedor de muitas mais realidades.

O professor de Educação Física incorpora todos os pressupostos dos professores de outras disciplinas mas pertence a outra realidade, a realidade do movimento, da prática pensante. Analisando as palavras de Taffarel (1989) sobre uma abordagem crítico-superadora, a essência do acto educativo estaria no confronto de educador e educando com os meios da Educação Física, e nas consequências decorrentes de situações onde as ideias de todos são bem-vindas, onde a divergência é admitida, onde o respeito à opinião dos outros e a liberdade, com responsabilidade são incentivados. Nunca devemos ocultar e adulterar a opinião da outra parte integrante do processo. Os alunos olham para a disciplina de maneira diferente, libertam-se durante as aulas e estabelecem um contacto distinto com o professor de Educação Física, embora muitas vezes também o façam com filtros desprestigiante em comparação com outras disciplinas. Corroborando este entendimento Graça (2001, pp107-108) afirma que *“em muitos casos a aula de Educação Física é dominada pelo sistema social dos alunos, transformando-se numa espécie de recreio supervisionado(...). Com muita frequência, os alunos torneiam as tarefas ou inventam estratégias pessoais para despachar o trabalho, para as tornar mais divertidas, de tal forma que descaracterizam o objectivo preconizado para a tarefa. Em Educação Física é muito comum modificarem o grau de dificuldade da tarefa para reduzirem ou aumentarem o nível de desafio ou risco.”*

No entanto, consideramos a disciplina de Educação Física a mais rica do plano escolar e o “desprestígio”, com que é olhada por alguns intervenientes do processo de ensino-aprendizagem, tem que ser irradiado. A disciplina de

Educação Física é a única que obriga os alunos a mexerem-se pensando. É preciso pensar no que queremos que o nosso corpo execute, situação esta que não é tão fácil como alguns querem fazer parecer. Numa sociedade cada vez mais precária em termos de actividade física é importante que os professores na escola realizem um bom trabalho e valorizem a nossa disciplina. Temos de cativar os nossos alunos para a modalidade, temos de ser apelativos na nossa intervenção. O desporto faz parte da sociedade e toda a gente já teve, por mais pequeno que tenha sido, um contacto com o fenómeno. O maior acontecimento à escala mundial é desportivo e envolve todas as áreas da sociedade – Jogos Olímpicos.

O professor como educador tem de educar o aluno para o desporto, o aluno para o movimento, temos de caminhar para um mundo a “mexer”. Com os pressupostos de um verdadeiro formador, o professor de Educação Física tem de levar os seus alunos rumo a uma vida activa. Um dos problemas do professor é que muitas vezes não vê o resultado final do seu trabalho, não acompanha um aluno ao longo da sua formação. Está sempre a saltar de escola em escola, nos primeiros anos de actividade, até se estabelecer definitivamente numa fase mais tardia. Não vemos os resultados no final do processo mas podemos identificá-los num futuro próximo. São pequenas as alterações que por vezes conseguimos introduzir mas são de pequenos actos que se parte para grandes conquistas. Não se mudam maus hábitos num ano, mas estes podem ser moldados numa simples intervenção.

Tal como afirmava Rodrigues (2007) podemos considerar a preparação inicial para o exercício profissional de professor requer duas macro dimensões: uma, responsável por uma sólida, exigente e rigorosa formação científica, na área da especialidade de ensino e na área das Ciências da Educação; outra, responsável por uma “imersão” exigente, rigorosa e apoiada no contexto real de trabalho. No contexto do estágio profissional, o professor estagiário realiza o seu “primeiro” contacto no terreno de uma forma auxiliada, a segunda macro dimensão referida anteriormente. Não está sozinho no processo e é “quase” permitido errar. As duas entidades mais ligadas a este professor (Orientadora e Supervisora) são fundamentais para orientarem o percurso do professor. Não somos logo “lançados às feras” sozinhos, mas somos responsáveis por enfrentá-las. É muito positivo os professores terem a oportunidade de

realizarem o estágio porque uma formação teórica não é suficiente, é preciso estar no contexto, é preciso “trabalhar” na área com supervisão numa primeira fase, para moldarmos a nossa maneira de ensinar e de intervir no processo.

Reportando-nos à prática pedagógica ou à iniciação à prática profissional e a respectiva supervisão, facilmente as identificamos como componentes essenciais do processo formativo docente. Na formação inicial, o supervisor (tanto o da instituição de formação como o educador/professor cooperante, isto é, aquele em cuja sala/turma o formando realiza a sua prática pedagógica) deverá assumir-se como um mediador entre o supervisando e o seu ambiente formativo, salientando dados potencialmente relevantes, a partir dos quais o formando poderá construir novos significados (Garmston et al., 2002). Para tal, e dando corpo substantivo ao processo supervisivo, deverá o supervisor criar situações geradoras de uma interacção verdadeiramente educativa que favoreçam “a comunicação, a negociação, a argumentação e a actuação estratégica dos interlocutores” em presença (Vieira, 1995). Assim sendo, e sem menosprezo pelas suas dimensões científica e pedagógico-didáctica, a supervisão deve configurar-se como um processo humanista e desenvolvimentista, de natureza essencialmente relacional, cuja essência se traduz no estabelecimento de relações facilitadoras do desenvolvimento dos futuros educadores/professores, objectivo primordial do ano de Estágio Profissional. Estas relações facilitadoras, devem ser baseadas em atitudes de ajuda, disponibilidade, autenticidade, encorajamento e empatia dos supervisores, as quais se constituem, afinal, como factores de promoção do crescimento e da aprendizagem dos formandos. Estas situações fortalecem o cariz essencial que o estágio assume na nossa formação (Gonçalves, 1998). Como dizia Rodrigues (2007), muitos dos programas de formação privilegiam a formação académica, seja na área dos conteúdos específicos de ensino, seja nas ciências da educação, minimizando as condições reais da prática da escola e da sala de aula. A formação profissional do professor não pode hoje conceber-se em exterioridade relativamente às exigências das situações de trabalho a realizar na sala de aula, na escola e/ou na comunidade educativa, para as quais se supõe que prepara e que vão integrar o seu contexto laboral. Necessitamos de contactar com o nosso “habitat laboral” onde nesta primeira

fase somos responsáveis por todos os acontecimentos, no entanto temos ainda que “prestar contas”, realizando a mencionada prática supervisionada.

Temos de reflectir sobre aquilo que fazemos, temos de nos justificar, temos de saber o porquê das coisas e a razão para estas ocorrerem. Interpretando as palavras de O’Sullivan e Tsangaridou (1994) a capacidade de pensar acerca do porquê do que se faz, é um aspecto fundamental para a obtenção de uma prática inteligente, prática essa que deverá ser reflexiva. Ao longo do tempo a nossa reflexão tende a diminuir, à medida que vamos ganhando experiência e confiança. No entanto todo o trabalho realizado nesta primeira fase é fundamental para a nossa execução futura, sempre adaptada à evolução dos tempos.

Nesta fase prematura da carreira, somos uma espécie de renovação inserida no sistema que vai actuar num contexto próximo no nosso percurso. É indissociável a nossa proximidade com o contexto escolar, principalmente porque este não foi abandonado há muito tempo. Temos em mente todas as suas variantes e revelamos perante os nossos alunos situações um pouco distintas em termos afectivos comparativamente com os professores mais experientes. Procurando refutar esta situação, podemos utilizar as abordagens de Amado et al. (2009), que no seu trabalho conjunto afirmaram que o modelo de relação pedagógica dominante nos tempos modernos “abafou”, durante muito tempo, a expressão da afectividade, uma vez que o ideal de relação assentava na transmissão do saber e no distanciamento entre o mestre e o aluno embora concluam que as questões da afectividade, entendida como capacidade de empatia, respeito mútuo, conhecimento e crença nas capacidades dos outros, se constituem como competências básicas, de professores e alunos, para que se torne possível o desenvolvimento de uma relação pedagógica de qualidade. Quando reflectimos sobre o próprio discurso do aluno, a eficácia do ensino não depende apenas da qualidade científica, mas também está fortemente relacionada com o registo da afectividade. É pela sua competência profissional, tanto ao nível científico, como pedagógico e relacional, que o professor pode legitimar a sua influência perante o aluno, sublinhando-se a importância do respeito e da abertura ao “outro”.

Reportando-me à situação presente do estágio, esta questão da afectividade assume contornos cruciais anteriormente suplantados. Se a

diferença em termos de idade é bastante curta na relação professor/aluno, as questões afectivas podem ser uma boa arma na procura do um ensino de excelência. Aproximamo-nos dos nossos alunos, entendemos os seus problemas que “ainda” não nos são distantes e fortalecemos laços. Com esta aproximação dos intervenientes do processo, a situação de ensino-aprendizagem será mais ajustada à realidade encontrada e em termos de eficiência e eficácia atingirá valores superiores.

Em suma, os traços que devem constituir a conduta de um professor presente, alargando este pressuposto à minha interacção ao longo do estágio, devem conter características provenientes de universos distintos. Tentado refutar, justificar e reforçar as ideias debatidas ao longo deste enquadramento, questões como a actualização constante, a formação actual ou a relação afectiva foram debatidas e esmiuçadas. A nossa conduta deve ser orientada segundo características que por vezes parecem incompatíveis, mas que se tornam indissociáveis. As alterações conforme a evolução e o decorrer dos tempos estão inerentes aos tempos de mudança. No entanto, o aspecto fulcral que deve ser mantido ao longo de toda a conduta laboral do professor no processo de ensino-aprendizagem dá pelo nome de coerência, principalmente no que diz respeito aos seus princípios e ideais.

4. Realização da Prática Profissional

Num ano tão intenso e marcante na nossa carreira académica, como é este ano de Estágio Profissional, ocorreram ao longo deste processo inúmeras situações que contribuíram para a formação como professor. Todos os obstáculos/dificuldades/objectivos/patamares alcançados ou ultrapassados ao longo deste ano lectivo são parte integrante da minha formação com maior ou menor impacto.

O ser humano precisa de definir os seus objectivos para ter uma meta a atingir ao longo do seu caminho. Um professor precisa de ter estímulos para realizar o seu trabalho, trabalho este que um bom professor exige de si mesmo que seja de qualidade. O próprio processo em que o professor está envolvido engloba estímulos/problemas que o fazem continuar. No entanto cabe ao professor procurar essas mesmas vertentes introduzindo-as no processo que no tom de desafio se pressupõe que seja inovador, visto que o que é novo cativa muito mais do que aquilo que pertence à norma.

Ao longo da prática profissional na escola, deparemo-nos com situações para as quais já tínhamos sido formatados. Existem problemas comuns neste processo, que mais cedo ou mais tarde vão ser colocados “ao nosso dispor”. Numa fase descritiva e reflexiva, do que ocorreu ao longo deste ano lectivo, instintivamente realçamos não apenas o que foi mais marcante, mas principalmente as situações que segundo a nossa concepção e interpretação dos acontecimentos são mais “anormais”. Consequentemente nesta fase irei enumerar uma série de acontecimentos que considero fundamentais para a minha formação recente, principalmente aqueles que considero mais distintos, acontecimentos estes que pela sua singularidade podem ser únicos e ao mesmo tempo mais relevantes.

4.1 Primeiras Impressões

Sem dúvida que, em quase todas as ocorrências da nossa vida, a nossa primeira impressão assume contornos fulcrais para a nossa idealização dos acontecimentos. Como tal, considero fundamental abordar os primeiros contactos com todos os intervenientes deste processo da minha realização da prática profissional, nomeadamente o primeiro dia na escola e o primeiro contacto com a turma de acordo com a primeira interacção com a professora cooperante.

Sem qualquer tipo de noção sobre a realidade escolar com a qual me estava a deparar, interiorizei uma necessidade de criar um bom impacto inicial para com os dois elementos fulcrais do processo, neste caso a professora orientadora cooperante e os alunos que compõe a minha turma. A sensação mais presente nesta fase inicial, foi uma certa aura de regresso ao passado mas agora do outro lado da “barricada”. Tudo me parecia familiar, mas era observado de outra maneira.

Quando conheci a professora orientadora cooperante, esta comunicou-me que a minha turma seria o 12ºE, composta por 19 alunos. Mal tive conhecimento desta realidade, o principal foco das minhas reflexões sobre o processo no qual estava a ser inserido, prendiam-se com a questão da curta distância etária entre o professor e os alunos e também a questão hierárquica na sala de aula. Era necessário sensibilizar os alunos que esta situação só lhes iria trazer vantagens, visto que o facto de o professor ter ainda muito presente os seus tempos de secundário ajudava bastante a adequar as aulas aos alunos. A grande tarefa que tinha pela frente era aos mesmo tempo estabelecer e definir bem as fronteiras entre o professor e os alunos, mostrando que quem estava no topo da pirâmide era eu. Consequentemente, era necessário realizar um primeiro contacto de uma maneira confiante e precisa, mas ao mesmo tempo, cuidada e próxima. Era fundamental cativar os alunos desde o primeiro momento e ao mesmo tempo causar também uma boa impressão na orientadora cooperante.

Como o início do ano lectivo foi adiado, no que diz respeito às aulas práticas, o primeiros tempos passados com os alunos foram

passados dentro de uma sala de aula com um cariz de aula teórica. Esta situação inicial veio logo alertar-me para os imprevistos que iria encontrar ao longo deste ano lectivo, visto que o nosso “habitat natural” está relacionado com as infra-estruturas desportivas. Os motivos que originaram esta situação prendiam-se com os atrasos na conclusão das obras de remodelação na escola, situação condicionante em várias escolas do país.

Esta situação limitadora em termos do cumprimento do plano anual de actividades, foi bastante proveitosa para o meu conhecimento inicial dos meus alunos. Como as nossas primeiras 3 aulas tiveram de ser teóricas, contando com a aula de apresentação, tive de desenvolver actividades para ficar a conhecer melhor os alunos e o seu *background*. Tentei que eles me demonstrassem os seus conhecimentos em termos desportivos, comecei a incutir-lhes uma reflexão sobre o desporto e ao mesmo tempo a tentar passar-lhes um pouco de conhecimento. Tentei que os alunos comesçassem a pensar sobre desporto, situação que raramente lhes era solicitada. Se o desporto num sentido lato, e os eventos desportivos, num sentido mais específico, são dos eventos com maior expressão à escala global, de certeza que vale a pena “pensar” nestes assuntos.

Em jeito de síntese, posso classificar estes primeiros tempos na escola, como uma espécie de pesquisa de campo com o objectivo de recolher o maior número possível de informação. Tentei criar impacto, logo desde o início, para ser notada a minha presença no contexto em que estava a ser inserido. Naturalmente que existiam inibições iniciais que foram desaparecendo ao longo do tempo, mas penso que o pilares originários da minha conduta foram um género de contacto harmonioso entre uma intervenção forte e sentida com uma proximidade relevante para com os meus alunos. Apesar desta confiança aparente, mantinha sempre a noção de que tinha muito para aprender, no entanto a primeira impressão tantas vezes crucial, já estava realizada.

4.2 Voto de Confiança

Numa fase fulcral deste Estágio Profissional como é o 1º Período, uma das situações mais marcantes foi o voto de confiança dado pela Professora Cooperante Maria Manuel Friães, no que diz respeito a oito aulas de sexta-feira. No início do ano lectivo a professora solicitou para não lhe ser atribuída nenhuma turma que tivesse no horário a sexta-feira à tarde ocupada, devido ao facto de a professora estar a tirar uma Pós-graduação em Supervisão Pedagógica e Avaliação de Docentes na Universidade Católica Portuguesa, no pólo do Porto. Como na distribuição das turmas por parte da direcção esta situação não foi equacionada, a Direcção da Escola em conjunto com a professora orientadora cooperante decidiram que não valia a pena haver uma reestruturação dos horários e para não prejudicarem a turma em questão resolveram dar-me um voto de confiança e permitir que lecciona-se as aulas sem a presença da professora. Esta situação foi completamente justificada, visto que em períodos de avaliação a professora não teria outra hipótese que não fosse faltar, situação prevista pela legislação. No entanto, a identificação e resolução deste assunto só ocorreu durante o mês de Outubro, situação que possibilitou a identificação e observação das competências do professor estagiário antes de ser tomada a solução anteriormente descrita. Não foi portanto um “tiro no escuro”, visto que o professor estagiário já tinha iniciado funções.

Esta situação “anormal” conferiu-me um grau de responsabilidade muito elevado, situação que me deixou bastante agradado. O facto de a professora orientadora cooperante, após um número tão reduzido de aulas, ter plena convicção de que poderia leccionar aulas sem ser num âmbito de prática supervisionada, transmitiu-me bastante confiança. Adquiri muita autonomia nesta fase precoce. Os alunos praticamente nem “notaram” a ausência da professora, situação reveladora de um controlo absoluto da turma em termos disciplinadores.

Nesta fase inicial, a simples presença na sala de aula da professora orientadora cooperante, responsável máxima por todos os acontecimentos, acarreta consigo uma certa aura de segurança. Inconscientemente nos sabemos que se ocorrer algum acontecimento desagradável na aula ou então um infortúnio num dos alunos sob a forma de acidente desportivo, o “responsável pelos nossos actos” está presente e pode-nos prestar um auxílio pronto.

Na primeira aula, este sentimento foi um pouco limitador nos primeiros momentos da mesma, mas ao mesmo tempo estava muito mais à vontade porque o “timoneiro” naquele momento era apenas eu. Era eu que definia o rumo dos acontecimentos, era eu que tomava as decisões no momento, obviamente segundo uma planificação que já tinha sido revista e aprovada pela professora.

Penso que este voto de confiança fez-me crescer bastante nesta fase inicial do processo de estágio. Foi uma situação fora do vulgar mas que se mostrou bastante vantajosa para a minha rápida afirmação na turma. Os alunos sabiam perfeitamente que o responsável no momento era eu, e viam a presença da professora num panorama mais distante. Naturalmente que esta relação professor estagiário/professora orientadora cooperante é uma situação de harmonia para um trabalho conjunto de prática supervisionada, com o elemento laboral a estar destinado ao estagiário. No entanto, esta situação remeteu-me para o papel de professor de uma forma mais vincada, contribuindo muito marcadamente para a elevação da minha confiança e auto-estima neste momento de afirmação inicial.

4.3 Dança na Escola – Universo Desconhecido

Ao longo da nossa formação enquanto professores, somos confrontados com realidades distintas, a Educação Física num patamar mais específico e o desporto num universo mais lato. Estas realidades distintas com uma génese própria de cada uma, fazem com que o nosso percurso assuma em termos de afectividade uma preferência por determinadas áreas.

No que diz respeito a um professor de Educação Física, este tem de dominar diversas áreas, com uma normal predilecção por algumas, não só tendo em consideração o seu *background* desportivo mas também os elementos qualitativos em termos de performance.

Tendo estes pressupostos em consideração, facilmente se identifica que a Dança não é uma área na qual eu esteja muito à vontade. Juntando este factor à nossa falta de formação ao longo da licenciatura e mestrado presente, lacuna entretanto corrigida no plano de estudos da nossa faculdade com a reforma adjacente ao processo de Bolonha, seria lógico considerar a unidade didáctica de seis aulas obrigatórias como o principal problema/obstáculo a ultrapassar.

De facto esta situação foi um dos maiores desafios que tive de superar ao longo deste ano lectivo e que necessitou de maior quantidade do chamado “trabalho de casa”. Para colmatar as minhas lacunas nesta área, tentei informar-me onde podia desenvolver algum tipo de formação e foi com bastante satisfação que recebi o convite para assistir a uma acção de formação na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, acção organizada pelos nossos homólogos desta escola, ou seja o núcleo de estágio da mesma. Fui de encontro com a idealização de uma formação contínua ao longo da carreira de professor. Esta acção de formação visava a abordagem das Danças Latinas, nomeadamente o Cha-cha-cha e foi realizada na primeira quarta-feira do mês de Dezembro, dia 4.

Sem saber muito bem o que esperar desta acção de formação, mas depositando muitas esperanças na mesma, foi com muito agrado que no final da mesma senti que o meu conhecimento tinha evoluído

imenso na matéria, tendo adquirido as noções básicas deste estilo de Dança, noções fulcrais para o planeamento das aulas.

Para aproveitar este entusiasmo inicial e o facto desta acção de formação estar muito “fresca” na minha memória, considerei muito vantajoso alterar a aula de sexta-feira e realizar a primeira aula de Dança deste ano lectivo. Sentia-me confiante para enfrentar a “feras” na forma dos meus alunos, não valendo apenas adiar mais o encontro com este obstáculo. Tinha os conhecimentos bem presentes e planeei minuciosamente a aula.

Um dos factores que considero fundamentais para o bom entendimento professor/alunos é uma perfeita noção da realidade em que ambos os lados do processo se encontram. É fulcral que toda a gente tenha consciência do patamar em que se encontra, identificando as suas lacunas com o intuito de elimina-las e ultrapassá-las progressivamente. Consequentemente delineei estratégias para minimizar as minhas dificuldades na área e para dinamizar a aula.

Chegado o momento do veredicto final, foi com muita antecedência que me desloquei para o local onde se ia realizar a aula, para não faltar nada e não me escapar nenhum pormenor na preparação da mesma. Como estratégia de “quebra-gelo”, também aplicada com o intuito de familiarizar os alunos com a Dança e descontraír nesta fase inicial, resolvi espalhar os alunos pela sala de aula e ordenar que eles fechassem os olhos para meditem e ouvirem quais são os meus gostos musicais. Como os alunos não sabiam qual ia ser o estilo de Dança que iria ser abordado, após este estarem dispostos pela sala dos espelhos, local ideal para este tipo de aulas, mostrei-lhes 4 músicas de diferentes estilos, englobando o Rock e a música Electrónica. No final desta pequena apresentação musical para elucidar os meus alunos sobre os meus gostos musicais, com algum “suspense” à mistura, coloquei a tocar uma música de Cha-cha-cha e foi com um misto de admiração e riso que os alunos receberam a notícia.

Findada esta fase introdutória a aula realizou-se com uma excelente fluidez. Consegui transmitir todos os conhecimentos que tinha adquirido na formação e a resposta dos alunos foi muito positiva. Estes

estavam conscientes de que o professor não era um “expert” na área, longe disso, mas identificaram o seu esforço e estavam concentrados para aprenderem com ele. Nunca pensei que um dia conseguisse ensinar pessoas a dançar e logicamente fiquei ultra realizado com os acontecimentos desta aula. Consegui superar o desafio que tinha lançado a mim mesmo e o esforço e dedicação foram premiados.

Como qualquer professor, eu sou um defensor feroz do ensino com qualidade. Nós só podemos ser exigentes com os nossos alunos se realmente lhes proporcionamos aulas de qualidade em termos de aprendizagem e organização. Um professor que não apresenta qualidade nas suas aulas está a cometer um “crime” ao exigir mundos e fundos aos seus alunos, para além de estar a corromper um dos princípios balizadores do processo de ensino-aprendizagem, a coerência.

É importante mantermos bem presentes os pressupostos anteriormente mencionados, para compreendermos a estratégia por mim utilizada no planeamento das restantes aulas de Dança. Com a total autorização e sintonia em termos estratégicos da orientadora cooperante, resolvi pedir auxílio para o leccionamento da aula seguinte de Dança, sobre o estilo de Dança Contemporânea. Penso que devemos ter sempre noção da realidade e neste caso, tenho perfeitamente noção que não possuo competências muito elevadas na área da Dança em termos de padrões qualitativos. Consequentemente, queira proporcionar aos meus alunos uma aula de topo, com um especialista na área. Penso que esta situação é muito benéfica para os meus alunos e era excelente, que pelo menos uma vez, eles tivessem uma aula de Dança de grande qualidade.

Existem vantagens e desvantagens na adopção deste tipo de situação, questão que foi mais do que debatida dentro do seio do núcleo de estágio da escola. Penso que as mais berrantes e que saltam mais à vista em termos desvantajosos são o facto de o professor poder ficar um pouco desvalorizado aos olhos dos seus alunos. O facto de eles sentirem que o seu professor não domina a matéria em questão, recorrendo a um professor de fora pode adulterar a sua relação. No

entanto, neste caso concreto, esta situação estava salvaguardada, não só pela data de realização da aula (2º período), momento em que o professor já tinha total controlo da turma, mas principalmente pelos alunos terem constatado na primeira pessoa o esforço e dedicação que o professor tinha realizado quando foi efectuada a primeira aula de Dança. Numa análise de índole vantajosa, o facto de os alunos terem a possibilidade de vivenciarem aulas com uma especialista na área acarreta consigo um grupo de benefícios indissociáveis à situação. Com uma estratégia delineada e fundamentada, entrei então em contacto com a professora em questão, especialista no estilo de Dança Contemporânea.

No que diz respeito à aula em si, esta correu da maneira desejada e o balanço foi muito positivo. Para comandar a aula, pedi ajuda a uma amiga de infância que se dedicou à Dança desde muito nova, a professora Joana. Em termos de planeamento da aula não quis intrometer-me muito na escolha dos exercícios e sequência dos mesmos, para não ferir susceptibilidades. Não queria ser recriminatório com os métodos de ensino da professora em questão, mas tive sempre conhecimento das fases de planeamento da aula, auxiliando e opinando sempre que considereei ser conveniente. O cerne da aula estava relacionado com a expressão corporal e noção de ritmo dentro deste universo desconhecido da generalidade das pessoas.

Quando contactei a professora Joana para averiguar a sua disponibilidade para dar uma aula na minha escola, sabia que iria ser uma aula que os alunos não estavam à espera. Sabia também de antemão que num universo de 19 alunos, englobando os dispensados, iria ser muito complicado agradar a todos os gostos. Penso que todos devemos experimentar todo o tipo de situações e que o que é novo pode ser sempre positivo, portanto fiquei satisfeito por proporcionar esta oportunidade aos meus alunos.

Foi notória uma inibição por parte dos alunos numa fase inicial, situação normal se considerarmos que era a primeira aula do ano lectivo leccionada por outra pessoa que não o seu habitual professor. Com o decorrer da mesma os alunos foram-se soltando e o balanço foi muito

positivo. Apenas uma aluna não respondeu positivamente ao longo da aula e muito perto do seu término, veio falar comigo dizendo que não se sentia à vontade. Respeitei a sua opinião e permiti que não realizasse o último exercício. Se a aluna não se sentia à vontade e não se estava a sentir bem naquele contexto, peso que foi tomada a decisão correcta. Todos devemos experimentar o que é novo, mas se a aluna em questão não estava disposta para tal tarefa, não a podemos obrigar.

Em suma, um dos grandes desafios deste ano lectivo, superado com sucesso como foi relatado anteriormente, foi a abordagem da Dança na minha turma. Creio que as estratégias utilizadas foram as mais adequadas de acordo com as limitações anteriormente referidas. As duas aulas retratadas foram as vitais deste ano lectivo pelo facto de uma ter sido a primeira e a outra ter sido leccionada por uma professora convidada. As restantes aulas foram leccionadas por mim, com ênfase nos estilos de Cha-cha-cha e Dança Contemporânea. Sem dúvida nenhuma que a lição a reter com esta situação, é que o professor dever ter uma formação contínua ao longo do seu desenvolvimento, com o objectivo de melhorar e suprimir as suas lacunas. Sem dúvida que esta missão por mim abraçada foi cumprida, os resultados foram muito positivos e contribuíram muito para a minha evolução enquanto futuro professor, visto que enfrentei um universo desconhecido como era a Dança, com o resultado de ter visto evolução dos meus alunos, acontecimento que no início deste ano lectivo assumia contornos muito improváveis e com um certo cariz utópico.

4.4 Super-otimização do Badminton

A modalidade de Badminton consagra em si uma berrante falta de formação académica na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, lacuna entretanto colmatada com a reformulação do plano de estudos inerente ao processo de Bolonha. Esta situação em nada auxilia a qualidade educativa da mesma nas aulas na escola, principalmente se tivermos em consideração que esta assume contornos obrigatórios em alguns anos do processo. Esta obrigatoriedade está latente no 12º ano do ensino secundário, universo no qual se insere a turma do 12ºE.

Ao longo dos primeiros tempos passados na Escola Secundária Carolina Michaëlis, precocemente identificamos que as aulas de Badminton leccionadas pelos restantes professores ficavam um pouco aquém do que considero necessário para a evolução dos alunos. Poderia ser feito mais para que os alunos evoluíssem, nomeadamente ao nível da intervenção específica. Na maioria das situações, os diferentes batimentos eram mencionados mas a metodologia utilizada era a de pôr os alunos na situação de jogo e troca de batimentos livres na manipulação do volante, com um carácter muito aleatório. Para além desta “preocupante despreocupação”, as redes próprias da modalidade que demoram algum tempo a serem montadas nunca foram utilizadas, sendo substituídas por uma fita presa a dois postes colocados nas extremidades do espaço da aula, situação completamente “castradora” em termos motivacionais para o empenhamento e concentração dos alunos envolvidos na aula.

Todas estas situações facilmente identificadas em observações pontuais, observações integrantes da fase de preparação para abordagem da modalidade do Badminton, formaram o cerne das conversas com a professora orientadora cooperante Maria Manual Friães quando estávamos a iniciar o planeamento das aulas de Badminton. A professora comentou que de facto no que diz respeito aos professores estagiários e mesmo aos professores mais experientes com quem tem contactado, quase todos sem excepção, abordam o Badminton de uma maneira muito geral, concentrado a sua atenção para

situações de jogo e torneios na turma, com desprimor nas vertentes técnicas das diferentes habilidades da modalidade, que na maioria das vezes são apenas mencionadas e não trabalhadas. Os exercícios específicos para desenvolvimento de determinadas habilidades não são abordados com muito sucesso. Com uma Unidade Didáctica de 6 aulas de 90 minutos, a nossa intervenção em nada é facilitada e esta pode ser uma das razões apontadas para a grande desvalorização e desprimor pelo Badminton na escola.

A grande justificação para esta situação alarmante, prende-se com a falta de formação na área. A nossa faculdade não nos habilitava para a abordagem da modalidade, situação geradora, na maioria dos casos, de um deficiente ensino do Badminton na escola. Se consideramos este facto e o ligarmos a escassez temporal de abordagem da modalidade, facilmente colocamos o nosso trabalho num patamar “Houdiniano”.

Neste caso em particular, esta lacuna estava bastante atenuada pelo facto de quando realizei um período de estudos no estrangeiro, na Universidade de Gent, na Bélgica ao abrigo do programa de mobilidade Erasmus, ter frequentado a disciplina Badminton, integrante no plano de estudos práticos desta faculdade. Esta situação foi fundamental para a obtenção de uma noção geral da modalidade segundo a óptica de um praticante, mas a vertente de formador estava ainda muito “verde”. Se consideramos uma simples analogia ao desporto automóvel, não partíamos do último lugar da grelha de partida, mas também estávamos longe da *pole position*.

Estava na altura de domarmos este “animal selvagem” denominado de Badminton, decompondo o estudo do mesmo e alertando a professora de que era possível rentabilizar e otimizar as aulas de Badminton na turma, mesmo tomando em consideração todas as “adversidades” anteriormente enunciadas.

Como principal fonte de informação, foi utilizada a página electrónica da Federação Portuguesa de Badminton, página bem elaborada e que contém muitos documentos auxiliares para o leccionamento de aulas da modalidade. Este não seria o primeiro

contacto que a nossa turma iria realizar com a modalidade, portanto se queríamos estabelecer um bom impacto inicial a primeira aula assumia contornos vitais. Como já foi referido anteriormente, através das observações efectuadas no período que antecedeu a abordagem do Badminton, os professores da escola escolhiam o caminho mais fácil não montando as redes oficiais da modalidade, optando por uma fita de plástico que unia dois postes colocados na extremidade da sala de aula. Esta era a rede “oficial” da aula, situação que segundo a nossa concepção de ensino de qualidade alienava na sua génese a abordagem da modalidade.

Naturalmente, se defendemos uma abordagem com padrões elevados em termos qualitativos, podemos começar a nossa intervenção explorando esse facto. No dia da primeira aula, 50 minutos antes do início da mesma já se encontrava no pavilhão o professor para, juntamente com os funcionários, encontrar a melhor solução para montar as redes oficiais de Badminton. Como ilustra a figura número 1, o espaço disponível para a realização da aula era o de um terço do pavilhão, onde os campos de Badminton estavam marcados no solo da maneira demonstrada, que curiosamente também corresponde de maneira fidedigna às marcações do ginásio.

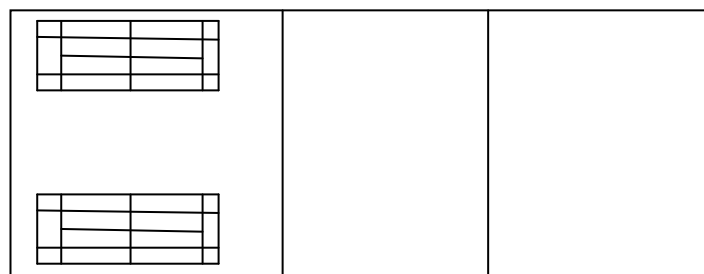


Fig. 1

A distância entre os dois campos era maior do que a largura de um campo de Badminton, o que tornava a rede muito curta para o campo do meio, que não estava marcado no solo mas que iria ser também utilizado. Consequentemente, era necessária a colocação de 4 postes e de 3 redes, com a constatação de que o facto da rede de meio estar demasiado esticada provocava problemas de equilíbrio da mesma.

Logicamente, era necessário encontrar algum material que servisse de contra-peso para assegurar a segurança na sala de aula, e evitar a queda das 3 redes ao mínimo toque. A solução encontrada, e ilustrada na figura 2, foi a colocação de dois bancos suecos para permitir o equilíbrio das 3 redes. Estes estão representados na figura por dois rectângulos pretos, que serviam de base sustentadora aos postes das redes, devidos às razões anteriormente enumeradas.

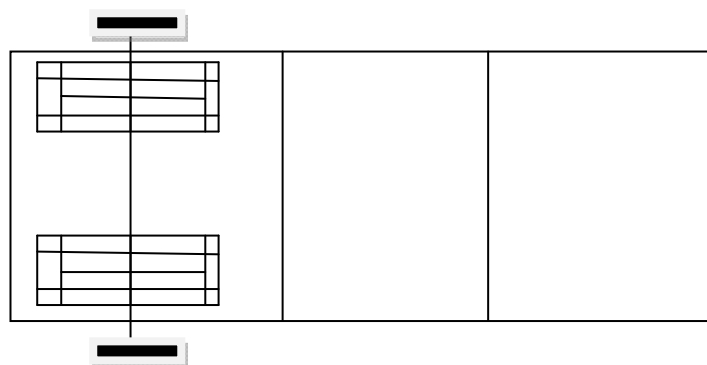


Fig.2

Esta era então a estrutura que tinha de ser montada antes de cada aula de Badminton, para otimizar ao máximo os materiais disponíveis. Conseguíamos ter ao nosso dispor 3 campos num terço do espaço do pavilhão gimnodesportivo, mas era necessário um tempo de preparação da aula de um período nunca inferior a 15 minutos.

Quando os alunos entraram na sala de aula, prontos para a abordagem de uma nova modalidade neste ano lectivo, o facto de observarem os campos de Badminton preparados para serem utilizados, com as redes oficiais montadas, resultou numa automática “onda de entusiasmo” para a aula. Com esta simples mudança conseguimos por os alunos motivamos e estimulados para a modalidade, contrariando a aura de desmotivação e desencanto provocada pela fita em forma de rede, autêntica “castradora motivacional”.

Continuando com a introdução inicial à nova realidade das aulas de Educação Física, o Badminton, resolvemos imprimir os mencionados documentos disponíveis no site da Federação e mostrá-los na aula de introdução da modalidade, na habitual conversa inicial. Foi feito um breve resumo sobre a história da modalidade e sua génese, mostrado

um vídeo com grandes momentos de Badminton para cativar a sua atenção, mencionadas variantes tácticas no jogo de pares e de singulares e, imediatamente, foi lhes transmitido o desafio que tinha colocado com o conhecimento da professora, em seis aulas contando com a de avaliação os alunos iriam aprender a jogar Badminton.

Ao longo das seis aulas seguintes, com uma interrupção a meio das mesmas para a transição do 1º para o 2º Período, foi utilizada uma forma de ensino que partia de construção específica de exercícios para simulação de fases específicas do jogo onde os alunos teriam de utilizar determinado batimentos. O objectivo com esta intervenção era o de munir os alunos de capacidades para resolverem os problemas que aparecem em diversas situações de jogo, assim como o de consciencializá-los de todas as habilidades técnicas da modalidade e momentos ideais para a sua utilização.

Quando eram preparadas as aulas com a professora orientadora cooperante, consciencializamo-nos de que uma unidade didáctica *standard* era composta por umas primeiras aulas de introdução das diversas habilidades técnicas, que posteriormente eram praticadas nas aulas iniciais para, posteriormente, serem utilizadas sem muito percepção dos pressupostos das mesmas, numa situação de jogo e de torneios de pares e singulares dentro da turma.

Esta identificação e consciencialização de como era abordado normalmente o Badminton na escola, fundamentou-se nas já mencionadas observações nas aulas de Badminton na Escola Secundária Carolina Michaëlis integrantes da disciplina de Educação Física, e na experiência da professora orientadora cooperante Maria Manuel Friães. Fundamentarmo-nos em observações pontuais e realizadas num curto espaço de tempo e contexto reduzido, podem originar generalizações perigosas. No entanto, se acrescentarmos o relato de um professor experiente e com muitos anos de “escola”, tornamos as nossas afirmações mais “acertadas”.

As aulas foram então elaboradas, com uma crescente complexidade ao longo das mesmas na planificação dos diversos exercícios que as compunham. A fase de activação geral considerava

sempre a modalidade que ia ser abordada, sendo que neste caso específico era composta por uma fase de batimentos livres a pares, quando estava findada a fase de mobilização articular. As aulas visavam sempre a abordagem sequencial dos diferentes batimentos, através de diferentes exercícios e a parte final da mesma (20 minutos) estaria destinada à fase de jogo.

Esta estrutura era semelhante em todas as aulas, sendo que a parte fundamental era planificada de acordo com o(s) batimento(s) que iria(m) ser trabalhados. Basicamente o fundamental era criar sequências de batimentos que fizessem os alunos terem de optar entre a panóplia de batimentos, salvo a redundância, que tinham ao seu dispor. No Badminton podemos separar a adequação de cada tipo de batimento à altura que se encontra o volante. Se queremos que os nossos alunos utilizem todos os argumentos que tem ao seu dispor temos de tentar simular nos exercícios situações reais que se vão deparar na situação de jogo. Por exemplo, se queremos planejar um exercício para treinarmos o Lob, o Clear, o Remate temos de idealizar uma sequência de batimentos e encadeamento dos mesmos de maneira a estes serem utilizados. Nesta escolha estamos a trabalhar batimentos que são realizados com trajetórias de saída do volante distintas e com o mesmo em alturas diferentes. Esta poderia ser, simulando uma situação de jogo 1x1, o primeiro aluno realiza serviço longo para o fundo do campo, com o volante projectado bem alto para o aluno realizar um Clear para o fundo do campo contrário, com o volante a ser batido pelo outro aluno com uma trajetória descendente para o outro lado do campo adversário para perto da rede, com o aluno a ter de realizar um Lob, com o volante ao nível do joelho para evitar a perda do ponto. Depois de realizarem esta sequência os alunos jogam livremente até um deles ganhar o ponto. Basicamente, a ideia que queremos realçar é que devemos planificar os exercícios simulando situações reais de jogo, tentando criar essas mesmas situações de uma maneira real para que os alunos saibam como se vão comportar quando estas surgirem numa situação de jogo.

Outra das estratégias utilizadas para a estimulação dos alunos para concentração e empenho nas aulas de Badminton, foi a de o

professor ser um elemento activo na sala de aula. Este estava sempre de “raquete em punho”, pronto a intervir a qualquer momento. Interpelava os alunos sempre que este não realizavam o movimento de maneira correcta, identificando o erro ocorrido e tendo a preocupação de fazer com que os alunos compreendessem que estavam a cometer esse erro e o porquê da realização do mesmo. É fundamental os alunos sentirem um professor activo na sala de aula. Para realçar ainda mais esse interesse, quando chegávamos à fase final de jogo, o professor também jogava com os alunos. Esta estratégia revelou-se bastante positiva não só porque todos os alunos queriam defrontar e derrotar o professor, mas também porque com esta simples participação os alunos sentem-se mais estimulados e motivados na aula.

Em suma, as estratégias anteriormente referidas tiveram sempre o objectivo de realizar uma super-optimização do Badminton num período curto de 6 aulas. Devemos considerar sempre que o jogo é uma parte fulcral do ensino das modalidades na escola, mas este não pode ser um simples jogar para jogar. Devemos preparar os nossos alunos para esse jogo, fazendo com que estes saibam que tipo de batimentos devem utilizar nas diferentes situações e o porquê dessa mesma utilização. Com uma presença activa na aula o professor consegue cativar os seus alunos, embora por vezes tenha de se deslocar para o espaço da mesma com bastante antecedência.

O ensino do Badminton na escola carece de qualidade, fruto principalmente das lacunas de formação dos professores de Educação Física na área. No caso concreto dos alunos do 12ºE, este conseguem atingir níveis muito consideráveis em termos de performance mas, o que é fundamental realçar, é que todos sabem como, quando e porquê que devem realizar os diferentes batimentos. Presumirmos que as nossas aulas apresentaram uma qualidade elevada pode muitas das vezes ser um erro, visto que muitas das vezes temos uma certa necessidade de nos considerarmos “bons” sem uma completa noção da realidade. No entanto, quando um professor orientador cooperante com experiencia na função, produz feedback muito positivos e elogiosos, conferindo segundo o mesmo, um patamar qualitativo nunca antes alcançado na

abordagem da modalidade, facilmente sentimos um certo sentimento de que alcançamos o objectivo a que nos propusemos, objectivo esse que se previa muito complicado. Quando esta situação acontece, que foi o que de facto aconteceu, podemos afirmar que o Badminton desta vez foi super-otimizado, o que nos entusiasma para em situações futuras continuarmos no caminho certo, na busca incessante para um ensino de qualidade.

4.5 Smash Inovador

Ao longo deste ano lectivo foram inúmeras as dificuldades encontradas, que no final só se vieram a revelar como enriquecedoras para o complemento do período de formação no terreno. Ao longo do ano lectivo o professor vai identificado quais são as fragilidades e as forças da sua turma. Com o sucesso alcançado com a abordagem do Badminton, situação já reflectida anteriormente neste documento, pareceu-me interessante e produtivo abordarmos um parente próximo do Badminton, o Ténis.

A escolha desta modalidade, prende-se com o facto do professor estagiário ter adquirido competências sobre a modalidade durante o seu período de estudo nos Estados Unidos, que vieram complementar as competências obtidas durante dois anos de praticante frequente.

Em termos materiais e espaciais a escola possui as condições mínimas para a abordagem da modalidade. Em termos de raquetes, a escola possuía 11, para um “ público-alvo” de 17 alunos da turma, excluindo os dois alunos dispensados. As raquetes em falta, foram “angariadas” pelo professor e pelos dois alunos que tinham raquetes. A escola não possuía redes de Ténis mas, as redes de Voleibol, poderiam ser “transformadas” em redes de Ténis. Em termos de marcação dos campos, os nossos pavilhões não possuíam marcações dos campos de Ténis. No entanto, o espaço exterior que estava planeado ser aberto durante este ano lectivo, possuía as marcações da modalidade. Infelizmente, a utilização do espaço exterior não foi autorizada pela Direcção da escola, apesar da conclusão das obras.

Considerando que as situações anteriormente descritas não eram limitadoras para a prática da modalidade, o principal problema era o facto do piso dos pavilhões não ser próprio para o Ténis, tornando os ressaltos da bola muito rápidos, situação que tem de ser levada em conta numa fase precoce do contacto com a modalidade como é o caso. Esta situação foi identificada, e o planeamento das aulas considerou este aspecto.

Como os alunos não tinham qualquer antecedente na modalidade, era importante focalizar a nossa intervenção nos aspectos básicos dos batimentos. A complexidade das aulas foi crescente, com o intuito de dotar os alunos com um bom conhecimento de base na modalidade. Para isso, era fundamental dissecar ao pormenor os principais batimentos, dividindo a abordagem dos mesmos em fases com e sem bola. Esta estratégia de treino sem bola dos batimentos é bastante proveitosa numa fase inicial da aprendizagem. É bastante útil para os alunos compreenderem os batimentos por partes, para uma busca de um movimento global de qualidade, situação que lhes vai possibilitar uma melhor consciencialização da qualidade do seu próprio batimento. Quando a transmissão de conhecimentos é realizada de maneira tão minuciosa, os alunos conseguem absorver a informação de maneira detalhada, concebendo na sua concepção uma imagem do batimento da maneira desejada.

Ao longo das aulas, para além desta conduta anteriormente descrita, foi incutido o gosto pela modalidade, tentando actualizar os alunos para os acontecimentos presentes no meio do Ténis de topo. Os principais acontecimentos da actualidade foram discutidos nas aulas, e também foi passada aos alunos a informação sobre o Masters de Madrid e o Estoril Open de maneira detalhada, competições que ocorreram durante a nossa abordagem da modalidade. Esta estratégia de cativarmos e estimularmos os nossos alunos para os principais eventos sobre a modalidade, faz com que estes ganhem apreço para com a mesma e se empenhem para aprendê-la nas aulas.

Apesar de nunca termos tido aulas num piso próprio, os alunos absorveram um enorme conhecimento da modalidade. Conseguiram compreender os fundamentos do Ténis numa espécie de intervenção teórico-prática. Os alunos praticaram a modalidade com um grande foco na teoria de justificação da mesma. Compreenderam a fundamentação técnica por detrás dos batimentos e conseguiram estabelecer uma visualização ideal do batimento, aspecto fulcral para orientarem a sua aprendizagem.

Se pensarmos profundamente nas opções que temos ao nosso dispor, por vezes conseguimos colmatar algumas dificuldades materiais e espaciais. Estas adversidades são muito comuns na abordagem de modalidades “estranhas” ao universo escolar desportivo. No entanto, também podemos utilizar estas modalidades como excelentes estratégias no combate à rotina e à monotonia. O facto de os alunos nunca terem tido aulas de Ténis na escola, desperta nos mesmos muito interesse e excelente receptividade. O professor pode e deve utilizar este meio para fortalecer a relação com o aluno e o bom ambiente na sala de aula. As condições podem não ser as ideais, mas é sempre possível adaptarmo-nos. Ao fim ao cabo estes alunos ainda conseguiram fazer alguns *Smashes*.

4.6 Relação com a Comunidade – Percursos Paralelos

A realização de um Estágio Profissional acarreta na sua elaboração diferentes áreas de actividade, que por sua vez englobam tarefas obrigatórias e concludentes. Se focalizarmos a nossa atenção para a área 3 da relação com a comunidade, uma das tarefas que devemos realizar é uma actividade para a comunidade escolar, extrapolando um pouco o nosso quotidiano onde a nossa intervenção se cinge quase em absoluto à nossa turma.

Quando começamos a reflectir sobre o que vamos fazer, é normal tentarmos averiguar aquilo que foi feito num passado recente. Na escola, nos últimos anos, os anteriores núcleos de estágio resolveram dedicar o seu trabalho nesta área à realização de actividades radicais na escola, abordaram desportos adaptados ou organizaram acções de formação. No que diz respeito aos actuais núcleos de estágio de outras escolas, com alguma frequência também fazem chegar à nossa escola convites para acção de formação como por exemplo de Ténis de Mesa ou Dança.

Com esta simples identificação da norma das actividades de relação com a comunidade escolar, reportamo-nos para a realidade anteriormente descrita. Na sociedade contemporânea, o novo e original, em escala comparativa, cativa muito mais interesse do que o banal e comum. Balizando a definição da nossa tarefa, se esta assumir contornos singulares e distintos ganha muito mais validade. Se queremos valorizar a mesma, se esta comportar parâmetros originais vai ajudar-nos a obter uma adesão mais significativa. Logo, se a nossa definição da mesma conseguir suportar todas estas afirmações, vamos de facto continuar com a nossa conduta de rotura com a norma.

Reflectindo sobre a actividade a organizar, várias opções começaram a surgir. Poderia ser organizado um concerto na escola, embora essa situação pudesse trazer encargos desnecessários; poderia ser criada uma actividade ou iniciativa para a comunidade escolar com cariz desportivo ou então poderia ser organizada uma formação fora do vulgar. Todas estas supunham uma dependência de terceiros e não

apenas do organizador. Era necessário estabelecer contactos, arranjar patrocínios e estar dependente da disponibilidade “alheia”.

Como esta situação estava longe da nossa aceitação, começou a pairar no nosso pensamento assumir um papel fulcral na própria actividade e não apenas uma função organizativa. O nosso pensamento começou então a dirigir-se para a forma de palestra, onde o organizador seria também um dos oradores. A actividade para a comunidade escolar seria então a organização duma palestra, com participação na primeira pessoa como orador.

Definida então a estrutura da actividade, faltava apenas encontrar o tema da mesma. Ao longo da reflexão sobre este período de Estágio Profissional, sempre defendemos que o professor seria um formador/educador de alunos, tentando que estes seguissem o seu percurso no Ensino Superior com uma conduta adequada. Também cedo definimos que a originalidade e fuga da estandardização dos percursos seria um dos pontos valorizadores do nosso caminho. Como estamos inseridos no último ano de um percurso de 5 anos de formação académica, pressupostos que os nossos alunos do 12º ano, ano que antecede o ingresso no Ensino Superior, serão os próximos “consumidores” do nosso “produto”. Seria portanto bastante importante fazer esta espécie de “passagem de testemunho” com uma descrição do caminho que estava em fase de conclusão. Ficou definido que a palestra seria então realizada segundo o tema do Ensino Superior, onde os oradores da mesma deveriam aconselhar os alunos para o futuro que se avizinhava, através de relatos do seu percurso no Ensino Superior.

A escolha dos oradores teve como pré-requisito encontrar estudantes do Ensino Superior de áreas distintas, que pudessem falar um pouco sobre a sua experiência de maneira a melhor elucidarem e preparem os alunos da nossa escola para o ingresso no Ensino Superior, com principal foco nos alunos de 12º ano. Naturalmente que a proximidade com o organizador e orador da palestra, seria mais concebível, portanto todos os oradores eram amigos do organizador.

Foram então escolhidos 4 estudantes do Ensino Superior, privado e público, de 3 áreas. Da Universidade do Minho 2 alunos de

Comunicação Social, da Universidade do Porto um aluno de Engenharia Química e da Escola Superior Artística do Porto um aluno de Arquitectura, respectivamente José Guimarães, João Oliveira, Manuel Pereira e Manuel Dantas. A todos eles tinham acontecido situações que valeriam a pena ser mencionadas na tarefa, segundo a concepção da mesma. O José Guimarães tinha realizado uma troca de curso; o João Oliveira já tinha realizado uma mudança de Mestrado para Pós-graduação, Manuel Pereira tinha mudado de opção pouquíssimo tempo antes de se candidatar e o Manuel Dantas era um estudante universitário num estabelecimento privado. Os oradores encarregues desta tarefa foram os apresentados e descritos da seguinte forma:

- **Luís Melo**, professor estagiário da Escola Secundária Carolina Michaëlis, licenciado em Ciências do Desporto e aluno de 2º ano de Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Universidade de Mobilidade: Universiteit Gent, Bélgica e University Of Califórnia, Berkeley , Estados Unidos.

- **Manuel Pereira**, aluno de 4º ano de Mestrado Integrado em Engenharia Química, da FEUP.

Universidade de Mobilidade: Technische Universiteit Eindhoven, Holanda.

- **João Oliveira ***, licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, actualmente no 1º ano de Mestrado de Ciências da Comunicação – vertente Informação e Jornalismo na mesma universidade.

Universidade de Mobilidade: Manchester Metropolitan University, Inglaterra.

- **José Pedro Guimarães**, licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, Mestre em Comunicação Gráfica pela Universidade Autónoma de Barcelona.

Universidade de Mobilidade: Universite Catholique de Lovain la Neuve, Bélgica e Universidade Autónoma de Barcelona.

- **Manuel Dantas**, aluno de 3ºano de Arquitectura na ESAP.

*Por motivos profissionais o orador não pode estar presente.

Estes oradores, para além das situações peculiares já descritas, deveriam falar sobre a sua área de formação e da sua experiência de estudos no estrangeiro, caso o tivessem realizado. É do conhecimento geral que nesta “aldeia global” em que estamos inseridos, os períodos de estudo no estrangeiro são muito mais comuns e, principalmente, mais acessíveis. Como três dos oradores tinham ou vão realizar períodos de estudo no estrangeiro, este assunto iria também ser debatido. Os restantes conteúdos da palestra debruçaram-se sobre as características e qualidades essenciais para um futuro de sucesso, segundo a nossa concepção, tais como a formação numa segunda língua e as maneiras para o fazer, a originalidade e criatividade necessárias para criarem impacto, as dificuldades e mudanças sociais inerentes ao processo e as hipóteses que vão surgindo ao longo do mesmo.

Para aprovação desta palestra teve de ser feita uma proposta à Direcção da Escola Secundária Carolina Michaëlis, que se encontra na secção dos anexos deste documento. Passada esta fase, foi elaborado um cartaz de promoção da palestra, que também se encontra em anexo. Ambos contêm um nome a mais na secção dos oradores, que infelizmente por motivos profissionais teve de cancelar a sua presença na palestra, como já foi referido anteriormente.

O dia e hora de realização da mesma foram pensados ao pormenor. Foi acordado que esta se deveria realizar no último bloco da manhã de uma sexta-feira, período no qual todas as turmas de 12º ano da escola têm aulas. A data da mesma, 23 Abril, foi seleccionada por ainda ser numa fase precoce do 3º período, não coincidindo por certo com épocas de avaliações que poderiam afugentar potenciais interessados na palestra.

A preparação dos conteúdos da mesma seguiu as indicações do organizador, mas cada orador teve liberdade para a produção da apresentação. Para cativar os alunos para a participação em massa, falamos com os professores responsáveis pelas aulas no horário da

palestra, para além de afixarmos os já referidos cartazes de promoção do “evento”. Alguns mostraram-se disponíveis para encaminharem os seus alunos, outros não acederam ao pedido. No final das contas compareceram cerca de 80 alunos. A palestra intitulou-se de Percursos Paralelos por, no entender dos oradores, demonstrar o intuito da palestra, ou seja mostrar percursos dentro do Ensino Superior que ocorrem paralelamente.

Fazendo um balanço dos acontecimentos, é importante realçar o sucesso da palestra. Os alunos responderam ao apelo, estiveram atentos na maioria do tempo e colocaram questões ao longo da actividade. Os professores, que compareceram a acompanhar os alunos, também se pronunciaram de maneira muito positiva em relação à palestra. Esta foi uma conversa informal com os alunos, com o intuito de através desta formalidade transmitir-lhes noções importantes e cruciais para uma vida académica de sucesso. Aproveitamo-nos da nossa proximidade em termos etários para com os alunos, para lhe fazer chegar informações importantes, algumas anteriormente referidas por outras pessoas num modo e contexto diferentes.

Este foi mais um desafio colocado e ultrapassado deste ano lectivo, que partiu de uma ideia criativa e converteu-se numa decisão acertada. Os alunos foram consciencializados e elucidados sobre um futuro e realidade que se avizinham e estimulados para pensarem. Provamos que com algum esforço e dedicação se conseguem iniciativas positivas e originais. Na parte dos anexos adjacentes a este documento, pode ser visualizada a palestra na sua íntegra em formato de vídeo, servindo como complemento à reflexão elaborada.

4.7 Projecto de Investigação - Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo

4.7.1 Introdução

A evolução do homem foi atingindo ao longo dos tempos patamares nunca antes imaginados. Paralelamente a esta evolução não podemos dissociar o desenvolvimento do desporto a todos os níveis, que acompanhou a evolução humana. Se recordarmos as palavras de Constantino (1999), podemos compreender e fundamentar esta evolução desportiva. Se a evolução da motricidade do homem, pode ser fundamentada numa perspectiva antropológica, o aparecimento e desenvolvimento do desporto, poderá ser compreendido no quadro de uma envolvente histórica, económica, sociológica e cultural. Temos de considerar esta evolução de acordo com fundamentos de diferentes áreas.

Actualmente, vivemos na era das novas tecnologias, sendo constantemente confrontados com toneladas de informação. Fazendo um paralelismo com os conceitos e conhecimentos, também estes estão cada vez mais presentes e, principalmente, mais disponíveis para a sua aquisição. No entanto, o facto de estes estarem mais disponíveis e presentes não significa que sejam absorvidos em maior número pela humanidade, ainda muito “precária” em termos de conhecimento.

A cultura do homem é, hoje, mais lata do que no passado e alberga um maior número de focos de pensamento. Reportando o significado da palavra cultura, partilhamos a definição de Sturken & Cartwright (citados por Vilas Boas, 2009, p. 29) entendida *“como um processo, não um conjunto fixo de práticas e interpretações. (..) Um processo fluído e interactivo – fundado em práticas sociais, não somente em imagens, textos ou interpretações”*. Amplamente mencionado como o fenómeno mais significativo à escala global, o fenómeno desportivo também alberga condições e dimensões culturais. Sobre esta consideração é importante recordarmos Constantino (1999, p.15) que afirmava que *“quando falamos nas dimensões culturais do desporto, estamos a atribuir-lhes objectivos que se situam não já no plano do*

«corpo motor» (...) mas do «corpo» que encerra comportamentos que tendo na base o movimento, suscitam o aparecimento de sentidos e valores que justamente reivindicam uma certa dimensão cultural, da qual decorrem consequências no plano educativo e formativo. Essa é uma das razões para se invocar a presença do desporto na escola». O desporto pode ser considerado como uma expressão de cultura, sendo um objecto de conhecimento e desenvolvimento, muitas vezes também apresentado como um valor formativo (Constantino, 1999).

Também Bento (1993, pp. 22-28), a propósito das dimensões culturais do fenómeno desportivo, realça que *“ no desporto a cultura e o seu sentido expressam-se de forma exemplar. Como especialistas e teóricos cumpre-nos apresentar conceitos, princípios e vias de realização deste exemplo. Como praticantes cumpre-nos ser este exemplo, vinculando-nos assim moral e culturalmente ao desporto.”* No que diz respeito aos caminhos da cultura no contexto desportivo, o mesmo autor complementa dizendo *“ muito se tem feito para desprestigiar, para ridicularizar, para desintegrar ou desmoralizar essa cultura. Para nos fazer esquecer que a civilização é um sistema de valores espirituais, de espiritualização da vida. Para nos afastar do horizonte cultural e arrastar para a onda tecnocrática e economicista.”*

4.7.1.1 Pertinência do Projecto de Investigação

A Cultura Desportiva é uma variante do conceito do desporto explorada de uma maneira muito ténue no âmbito escolar. Quando nos referimos à Cultura Desportiva dos nossos alunos, não nos estamos a apenas debruçar sobre se estes conhecem as regras ou as habilidades técnicas abordadas na sala de aula, pois caso o fizéssemos estávamos a ser redutores. Estamos sim a falar num sentido mais lato, albergando todo o conhecimento a nível desportivo que os alunos possuem, formando a sua Cultura Desportiva. Esta vertente cultural anteriormente mencionada e fundamentada está muito latente no universo desportivo, e como afirma Costa (1993, pp.41-42) *“pela sua origem, pela sua história e pelo seu funcionamento, o desporto é um fenómeno humano estruturalmente ligado ao fenómeno cultural. (...) O desporto pode*

efectivamente constituir um meio excelente de expressão da cultura de um povo. (...) O desporto, principalmente o de alta competição, é não somente um factor cultural poderoso, mas também um veículo extraordinário da cultura de um povo através do mundo inteiro. Dada a sua natureza de fenómeno simbólico de tipo cultural, o desporto pode assim constituir um meio excelente para se estudar e melhor compreender a cultura do povo que o pratica e da sociedade onde ele funciona.”

Tendo em consideração os pressupostos anteriormente escalonados, facilmente identificamos a simbiose entre o desporto e a cultura. Identificada esta relação, naturalmente se valoriza o desenvolvimento de uma cultura no desporto e vice-versa. Estabelecida e fundamentada a relação desporto/cultura, concluímos que estes dois elementos devem ser utilizados para estimular os alunos para o fenómeno desportivo na sua vertente cultural. É importante valorizarmos a nossa área de intervenção através deste tipo de associações, que vão ser estabelecidas no Projecto de Estudo na turma, com o intuito de fomentar uma crescente Cultura Desportiva nos alunos. Através da disciplina de Educação Física, queremos incutir um gosto crescente nos nossos alunos quer no âmbito da prática quer na vertente de espectador e acompanhante, focados numa constante actualização e conhecimento do fenómeno desportivo na sociedade em que estamos inseridos.

Efectuada a pesquisa da temática e identificada a importância da mesma, o projecto de estudo implementado teve como base sustentadora a problemática da evolução da Cultura Desportiva nos alunos. A área da Educação Física é uma parte activa e integrante de um contexto mais abrangente e complexo, o Desporto. Segundo a nossa concepção dos eventos, as aulas de Educação Física são um excelente meio de desenvolvimento do apreço dos nossos alunos pelo fenómeno mais significativo na sociedade actual, o fenómeno desportivo.

Como professores de Educação Física, temos a “obrigação” de valorizar a nossa área perante os nossos alunos, que muitas vezes se debruçam sobre o nosso terreno de maneira desprestigiante. Temos ao nosso dispor meios mais do que suficientes para cativarmos a atenção

destes para o desporto, simplesmente temos de encontrar estratégias adequadas ao nosso “público-alvo”. Nos dias que hoje correm, os alunos tem ao seu dispor quantidades ínfimas de informação e conhecimento, à distância de um “click”, portanto devemos aproveitar esta realidade para estimular a pesquisa em termos desportivos.

4.7.1.2 Objectivo do Projecto

O intuito deste projecto prende-se com uma tentativa de cativar os alunos para o desporto através de pressupostos culturais e, de maneira consequente, para a prática desportiva. Ao longo deste ano lectivo, o tema fulcral das nossas áreas foi sempre o mesmo, o desporto. Neste espaço próprio da aula de Educação Física, foi declarado essencial debater/comentar/pesquisar sobre desporto com o objectivo de melhorar a Cultura Desportiva dos nossos alunos. As duas aulas de Educação Física semanais eram, na sua maioria, o único contacto que estes mesmos alunos possuíam com o fenómeno desportivo, facto que atribui maior relevo à implementação deste projecto.

O apelo incessante do professor para que os alunos vissem os principais eventos desportivos da actualidade e pesquisassem sobre o universo desportivo foi o cerne deste projecto. A implementação do mesmo, segundo a nossa concepção, assume contornos fundamentais visto que os jovens de hoje em dia só associam o fenómeno desportivo às modalidades abordadas na escola ou ao nosso desporto rei, o Futebol. Se quisermos cativar os alunos para o desporto na sua globalidade existem ao nosso dispor meios para tal e, segundo os princípios anteriormente mencionados neste documento, assumindo contornos singulares e criativos. Os alunos estão mais predispostos a aceitarem desafios e tarefas inovadores e, neste âmbito, a “tarefa desportiva” adjacente a este projecto é no mínimo original, sempre com o propósito de aumentar o conhecimento dos nossos alunos em termos desportivos e, consequentemente, a sua Cultura Desportiva

Assim, pretendemos verificar se as aulas de Educação Física contribuíram para melhorar o conhecimento desportivo dos nossos alunos, aumentando consequentemente a sua Cultura Desportiva.

4.7.2 Metodologia

Esta intervenção, denominada de Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo, foi realizada ao longo de ano lectivo de duas maneiras distintas, sempre na fase de conversa inicial, parte introdutória das aulas. Numa primeira fase de implementação do projecto, o professor falava sobre o que estava a acontecer na actualidade em termos desportivos, no contexto nacional e internacional, cativando os seus alunos para acompanharem e pesquisarem sobre os eventos que estavam a decorrer em distintas modalidades. Na primeira aula da semana, o professor fazia o balanço do fim-de-semana desportivo anterior e na segunda aula da semana, o professor enumerava os principais acontecimentos que se avizinhavam e como poderiam ser acompanhados. A própria distribuição semanal das aulas auxiliou bastante a implementação do projecto, visto que as aulas eram realizadas à quarta e à sexta-feira. Este modo de intervenção foi implementado ao longo de todo o ano lectivo. No 2º e 3º Períodos, iniciou-se a segunda fase da intervenção, com a selecção da modalidade da semana. Com o intuito de cativar a pesquisa sobre o universo desportivo, principalmente aquele que nos é mais desconhecido, o professor elegia uma modalidade desconhecida do nosso quotidiano e revelava-a na primeira aula da semana. Os alunos deveriam pesquisar em casa sobre esta modalidade, sendo o motor de busca primordial a internet também disponível nas instalações da escola, para na segunda aula transmitirem os conhecimentos adquiridos ao professor. Para complementar esta informação o professor mostrava um vídeo sobre a modalidade semanal e distribuía um folheto informativo com uma síntese descritiva da modalidade abordada. Com estas duas estratégias, o projecto de estudo foi implementado para cativar os alunos para o desporto e as suas práticas e, conseqüentemente, aumentarem a sua Cultura Desportiva através de curtos e sintéticos debates no início de todas as aulas.

Os eventos desportivos para os quais os alunos eram cativados a se “actualizarem”, estavam relacionados com as modalidades que abordávamos nas aulas ou com o “desconhecido”. Por exemplo quando

abordamos a modalidade de Ténis coincidiu com a realização do Estoril Open, prova rainha da modalidade em território nacional. Logicamente que o acompanhamento desta competição foi bastante rentável, visto que os alunos poderiam aproveitar para constatarem se os conhecimentos adquiridos na sala de aula eram usados em alta competição. Um exemplo de um evento inserido no âmbito do desconhecido, foram os Jogos Olímpicos de Inverno 2010, realizados na cidade canadiana de Vancouver. Ao longo da competição, os alunos foram cativados acompanhar um evento que muitos desconheciam completamente e que, provavelmente, sem esta intervenção e apelo do professor nunca saberiam que estava a decorrer. Dentro dos grandes eventos desportivos mencionados na sala de aula, é importante realçar a Taça das Confederações Africanas de Futebol; o Campeonato da Europa de Andebol; o Campeonato Mundial de Futebol de sub-20; a fase de candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016, ganha pela cidade brasileira do Rio de Janeiro, o Rally de Portugal, entre outros.

4.7.2.1 Amostra

O estudo foi aplicado na turma 12º E da Escola Secundária Carolina Michaëlis, composta por 19 alunos, 11 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, Todos os alunos acordaram fazer parte do estudo, mostrando disponibilidade para participar nas entrevistas, tendo sido considerada uma entrevista por aluno. Apenas um dos 19 alunos da turma não realizou a entrevista por conflito de horários, perfazendo um total de 18 entrevistas analisadas.

4.7.2 2 Implementação do Projecto

Dividindo a implementação do projecto em duas fases, a de debate e discussão da actualidade desportiva e a implementação do desporto semanal, foram necessários diferentes processos e estratégias. Especificamente, em termos da implementação do desporto semanal dividimo-la em três fases: pesquisa, introdução do tema e abordagem sintética.

A pesquisa era um trabalho realizado pelo professor antes da primeira aula semanal. O professor procurava modalidades distintas e originais, com o intuito de cativar a atenção dos alunos, sempre com a consciência do factor espectáculo. Na primeira aula semanal, era realizada a introdução do tema onde o professor desvendava o nome da modalidade que iria ser abordada, apenas revelando o nome da mesma. Como os alunos, na maior parte das vezes, desconheciam o próprio nome da modalidade, era criado um certo clima de curiosidade que estabelecia quase automaticamente uma vontade de pesquisa por parte dos alunos. Na última fase deste processo, a abordagem sintética do tema era realizada na última aula semanal. O professor iniciava a mesma tentando obter informações sobre a modalidade junto dos alunos, averiguando se estes tinham pesquisado. Posteriormente exibía um vídeo curto sobre a mencionada modalidade e distribuía um folheto informativo sobre a mesma. Quanto à produção do folheto informativo, foi realizado todas as semanas pelo professor. As modalidades abordadas ao longo de diferentes semanas neste Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo foram as seguintes: Sepak Takraw; Padel; Lacrosse; Slamball; Cricket; Curling; Indoor Bowls; Disc Golf; Fistball; Bossabal; Octopush; Timbersports; Wakeboard; Kabaddi; perfazendo um total de 14 modalidades.

4.7.2.3 Recolha das Entrevistas

Para uma averiguação mais detalhada dos resultados obtidos com a implementação do projecto, foram realizadas entrevistas individuais, de natureza semi-estruturada de resposta aberta. Este tipo de entrevistas permite focar as questões nos objectivos e problemas de pesquisa do estudo através de um guião predefinido, aplicado de modo flexível.

Como é do conhecimento geral, é muito complicado os alunos dissociarem qualquer tipo de tarefa que realizem no âmbito de uma disciplina sem conterem no seu subconsciente de que podem estar a ser avaliados. No sentido de evitar que os alunos sentissem que estava a ser avaliados, no início de todas as entrevistas este facto foi informado a

todos os alunos, para que estes tivessem plena consciência dos objectivos da entrevista e não houvesse dúvidas de que estas nada tinham a ver com a sua classificação na disciplina.

Na implementação das entrevistas, o local e data escolhidos para a realização das mesmas não foi seleccionado aleatoriamente. Para não obrigarmos os alunos a deslocarem-se à escola com o simples propósito de realização da entrevista e também para não “roubarmos” tempo útil às nossas aulas, resolvemos entrevistar os alunos na hora que antecede a nossa aula de sexta-feira, logo após a hora de almoço. Foi elaborado um calendário para os alunos saberem a hora e data precisa da sua entrevista, realizada individualmente no gabinete de Educação Física da escola, onde na altura de realização das mesmas apenas estavam presentes o aluno (entrevistado) e o professor (entrevistador). Como meio de gravação áudio das entrevistas foi utilizado um gravador Philips Voice Tracer. Todos os itens utilizados no Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo encontram-se em anexo. Os folhetos informativos de todas as modalidades e a estrutura da entrevista em formato de papel, a transcrição das entrevistas e a versão áudio das entrevistas na sua integram em formato digital num CD.

4.7.2.4 Análise das Entrevistas

As entrevistas relativas ao estudo, foram transcritas e a cada aluno foi atribuída uma sigla, de A1 até A18, segundo a ordem alfabética dos mesmos.

Neste género de intervenção realizada na turma, os resultados da mesma são averiguados ao longo das aulas. Quando verificamos que os alunos estão informados sobre desporto, quando verificamos que estes acompanham os diversos eventos desportivos que o professor menciona nas aulas ou quando verificamos que no momento em que a modalidade da semana é esmiuçada os alunos já apresentam algum conhecimento sobre a mesma, facilmente identificamos que o nosso apelo e intervenção estão a sortir efeito e a cativar os alunos. No entanto, uma averiguação mais precisa do impacto que os alunos estão a sofrer para além de nos parecer mais adequada, assume um certo cariz obrigatório.

Assim, a implementação destas entrevistas assumem um carácter mais “comprobatório” ou função de comprovação através das quais queremos averiguar os resultados e impactos do projecto.

4.7.3 Resultados e Discussão

Com a quantidade de atenção que os meios de comunicação social dedicam ao desporto e com a quantidade de informação nesta área que o maior motor de busca à escala global fornece (internet), não é uma tarefa muito árdua encontrar informação para suportar a nossa intervenção. A pesquisa direccionada para o desporto convém ser específica para conseguirmos adquirir informação de qualidade. No que diz respeito à actualidade desportiva, os diários desportivos portugueses são uma fonte com uma qualidade aceitável para estarmos actualizados em termos desportivos. Ao longo do ano lectivo, sempre que foi considerado pertinente, o professor levou para a aula diários desportivos para debater determinados temas. Para a fase de selecção da modalidade semanal, a internet foi o meio primordial utilizado, especificamente as páginas oficiais das federações ou associações de cada modalidade específica.

A averiguação e tratamento dos resultados após uma implementação de um determinado tipo de intervenção ou projecto, assume um papel vital para aferirmos a validade do mesmo. Nesta fase, utilizamos algumas transcrições das entrevistas realizadas aos alunos para reforçar as reflexões efectuadas sobre os resultados da intervenção.

Como já foi referido, os resultados das mesmas foi identificado *in loco* ao longo das aulas. Os alunos chegavam ao momento da aula, estavam actualizados sobre os eventos desportivos que estavam decorrer e na sua maioria os resultados destes mesmos eventos não era uma novidade. No entanto, num momento de reflexão mais própria que foi realizado nas entrevistas os alunos assumiam o comando da situação e opinavam sobre o projecto de estudo implementado. A estruturação da entrevista previa uma situação de opinião pessoal dos alunos sobre o projecto implementado, após uma introdução ao contexto desportivo dos mesmos.

Quando passamos a informação sobre a actualidade desportiva, estamos a transmitir aos nossos alunos as principais competições

desportivas que estes podem acompanhar no momento. Cabe-lhes absorverem a informação e aproveitá-la para estarem informados sobre o que se passa ao seu redor em termos desportivos. Para averiguarmos se os alunos assimilaram a informação reportada, é importante verificarmos os seguintes excertos:

“Esta iniciativa contribui para aumentar o meu conhecimento sobre o desporto. Eu já costumava estar informado sobre os acontecimentos desportivos, mas as aulas e o facto de o professor nos incentivar a estar informados despertou-me bastante a curiosidade e levou-me a procurar saber mais e dizê-lo na aula seguinte.” A5

“Esta abordagem manteve-me mais informada acerca desta temática, assim como procurou incentivar os alunos para verem várias modalidades desportivas e não apenas o futebol como acontece na maioria dos casos.” A7

“Se não fossem as aulas de Educação Física não estaria tão actualizado.” A9

“No início do ano lectivo o meu conhecimento dos acontecimentos desportivos, nomeadamente a nível mundial, era praticamente nulo. Com a iniciativa do professor foi muito mais fácil começar a estar actualizado em termos desportivos” A10

“As informações que tivemos possibilidade de receber foram preciosas, pois tivemos conhecimento de vários eventos e desportos que desconhecia. Em termos gerais, tenho uma noção mais aprofundada acerca da temática desportiva.” A16

“Os conselhos que o professor nos deu de ver canais e jornais desportivos foram uma grande ajuda para nos manter informados acerca dos acontecimentos desportivos que se foram realizando.” A17

“Contribui para me sentir mais actualizado, fazendo com que eu me sentisse mais alerta para a informação acerca dos acontecimentos desportivos com os quais fui tendo contacto, assim como com que acompanhasse mais as competições.” A18

Para além de considerarem positivo e muito elucidativo o projecto implementado, os alunos também reportam que é importante mostrar-lhe como podem obter a determinada informação. Ao longo das aulas, não nos limitávamos a dizer que acontecimentos ou eventos desportivos se estavam a realizar, mas também o modo como os alunos deveriam proceder para os acompanhar. Se apenas nos restringíssemos à transmissão da informação sem também fazermos uma ligeira menção sobre o modo para os alunos obterem essa mesma informação, o nosso apelo estaria a deparar-se com mais obstáculos.

Nesta fase os alunos revelam o poder da observação. Aprendem observados os eventos desportivos, pesquisando sobre ele. A informação ou a fonte de conhecimento já existia, os alunos apenas a desconheciam. Se nos dedicarmos à pesquisa e busca de eventos desportivos e a maneira de os podermos acompanhar, hoje em dia é possível viver o desporto 24 horas por dia, através de diversas maneiras e modos sem sairmos de casa.

No que diz respeito ao desporto semanal, parte mais vincada do Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo, os alunos revelaram muito agrado com a iniciativa que criou um impacto assinalável nos alunos.

Foi solicitado aos alunos uma reflexão mais precisa sobre os desportos semanais. Como o desconhecido é apelativo e o que é novidade suscita interesse, é normal que os alunos tenham respondido de maneira muito positiva a esta intervenção. As suas opiniões singulares não se restringiram à intervenção em si, mas também ao modo como esta intervenção foi aplicada. Os seguintes excertos são elucidativos do mesmo:

“Acho este hábito muito interessante, aumenta-nos bastante a cultura desportiva, nem que seja para me ajudar um dia no programa “Quem Quer Ser Milionário” (risos). Acho uma boa iniciativa, senti-me mais fascinado por esses desportos do que, por exemplo, pelo Basquetebol. Tenho colegas meus que não apreciam muito desporto, mas depois de conhecerem alguns desportos diferentes dos conhecidos se sentiram muito mais motivados.” A2

“É muito interessante, permite-nos aumentar a nossa cultura desportiva. Para além disso, o facto de esses desportos serem abordados anteriormente à aula da sua explicação faz com que nos sintamos curiosos e pesquisemos antes da mesma”. A3

“Este foi um aspecto muito positivo, mostrou-nos que de facto o desporto não se baseia apenas nas modalidades mais conhecidas e em como se trata de um fenómeno muito inovador e criativo. Nunca imaginei que existissem determinadas modalidades e regras, foi sem dúvida uma iniciativa muito enriquecedora a nível da cultura do desporto.” A13

“Permite-nos descentralizar a atenção dos desportos mais conhecidos, nomeadamente do Futebol, para além de permitir que um dos seus alunos, um dia que tenha possibilidade, venha a praticar e investir num desses desportos. A14

Como podemos constatar, os alunos sentem fascínio pelo desconhecido e pelo que é novo. Dentro da disciplina de Educação Física, as modalidades com que os alunos se deparam já estão completamente absorvidas em termos de contacto com as mesmas. Ao mostrarmos aos nossos alunos que existem um universo desportivo ainda por descobrir, estamos a incentivá-los para a prática desportiva num modo mais futuro e no momento, a uma pesquisa sobre a realidade desportiva. Se quisermos ir um pouco mais além, reforçando os pressupostos estabelecidos anteriormente neste documento quando considerávamos o desporto como um meio de expressão da cultura de um povo, esta intervenção não está apenas a mostrar aos nossos alunos novas modalidades, mas ao mesmo tempo novas culturas:

“..., mesmo para quem sabe bastante sobre desporto, o conhecimento de desportos que não conhecemos, deixando-nos mais aptos para oportunidades que surjam de os praticar. O facto destes desportos não fazerem parte do nosso quotidiano promove também o conhecimento de parte da cultura dos países de onde esses desportos são provenientes.”A5

Um dos princípios basilares da conduta de um profissional da área de Educação Física, deve ser a valorização da sua área de interesse. Naturalmente que o professor tem de estabelecer estratégias para fomentar o gosto dos seus alunos pela sua área e motivá-los para a mesma. Esta estratégia, teve como “pano de fundo” a promoção e valorização dos nossos alunos, motivando os para o desporto e incentivando-os para a prática. Os seguintes excertos são comprovativos desta vertente.

“... penso que foi realizada de uma forma interessante e motivadora, uma vez que nos incentivou a pesquisar informação acerca de determinada modalidade”. A8

“...incentivou-nos também na prática desportiva e aumentou o meu gosto pelo desporto.”A11

“Muitos dos desportos são fantásticos e sinto-me muito bem por saber mais acerca desta temática. Considerei o modo de implementação adequado e motivador. Até este ano lectivo não dedicava especial atenção a ver desporto e a informar-me acerca do mesmo. No entanto, o professor motivou-nos a fazê-lo, consciencializando-nos com o incentivo que nos dava à sexta-feira “façam desporto, vejam desporto”. A12

“A metodologia utilizada não só nos motivou para a modalidade apresentada pelo professor, mas também despertou a nossa autonomia através da pesquisa.” A18

Outro modo de incentivo na área, prende-se com a estimulação dos alunos para a pesquisa sobre a modalidade. Deste modo, os alunos também estão a debruçar-se sobre o desporto e as suas diferentes realidades. Podemos estimular os alunos para o fenómeno através de diferentes estratégias, sendo que com a quantidade de informação que estes têm ao seu dispor pode e deve ser aproveitada, estimulando os alunos para a pesquisa. Os excertos que se seguem reforçam este facto:

“A nível de cultura desportiva penso que evoluí bastante, especialmente devido ao facto do professor perguntar se estávamos actualizados acerca de eventos desportivos, pois incentivou a pesquisa e, assim, o aumento do nosso conhecimento”. A2

“A nossa motivação para pesquisar foi muito estimulada, tanto pela apresentação dos desportos que desconhecia, como pela exibição de vídeos acerca desses desportos. Ao contrário do que nós pensávamos, existem muitos desportos que desconhecemos e é muito interessante conhecê-los. Para além disso, considero

que abordagem que o professor realizou foi a mais indicada, estimulando o nosso espírito de pesquisa.” A9

“O facto do professor nos dizer o nome do desporto numa aula e apenas na seguinte o apresentar deixava-nos bastante curiosos, incentivando a pesquisa e deixando-nos mais ansiosos para a aula seguinte.” A14

As fichas informativas que o professor nos tem dado acerca de desportos menos conhecidos despertaram a nossa curiosidade, o que nos incentiva a pesquisar na internet.” A16

Esta estratégia produziu efeitos muito positivos nos alunos e um impacto vincado, na busca por um crescente interesse dos alunos na temática desportiva. Os alunos responderam ao apelo realizado pelo professor e partiram numa pesquisa e procura orientada. O local ou modo de obterem a informação foi-lhes transmitido, mas a entrega à tarefa partiu da predisposição de cada um. Um dos aspectos fulcrais para conseguirmos criar um impacto nos nossos alunos, prendeu-se com o facto de despertarmos interesse e curiosidade. Se entregássemos de “bandeja” a informação sobre as diferentes modalidades, o impacto que esta teria nos alunos seria diminuto. Era preciso numa fase inicial divulgar apenas o nome, nome este que muitas vezes não era associado a nada, para posteriormente ser divulgada a informação. Esta espécie de mistério em volta das modalidades semanais produzia até alguma ansiedade nos alunos. Parece-nos pertinente neste momento observar os seguintes excertos relativos à reflexão dos alunos sobre o projecto implementado

“Achei curioso, porque ao longo destes anos de aulas nenhum professor apresentou aos alunos desportos tão desconhecidos pela maioria dos alunos. Foi muito bom ter-nos sensibilizado e mostrado esses desportos e onde poderíamos vê-los. Agora conheço muito mais modalidades e depois de os ver e saber mais sobre eles já sei algumas regras e técnicas dos jogos. Também acho que a maneira como estes foram apresentados foi uma boa estratégia, pois entre a quarta-feira em que nos apresentava o nome do desporto e a sexta-feira em que nos mostrava vídeos e panfletos sobre este, explicando em que consiste, ficávamos sempre curiosos e a perguntar se alguém conhecia, criando um pouco de suspense.” A15

“Até este ano lectivo nenhum professor de Educação Física se preocupou em abordar desportos menos conhecidos. O professor dava-nos o nome de vários desportos que desconhecíamos para pesquisarmos em casa e isso deixou-nos sempre muito curiosos. Foi sem dúvida uma intervenção muito interessante.” A17

Podemos constatar que o modo como a transmissão ou informação é transmitida também influencia o modo como esta vai ser apreendida. Devemos incutir nos alunos uma forte vontade de conhecimento e procura do mesmo, e não apenas uma simples

transmissão de informação. Os alunos devem procurar esse conhecimento e estar disponíveis para ele.

A Cultura Desportiva dos nossos alunos foi o cerne da nossa intervenção. Segundo a nossa concepção da mesma, esta reporta-se a todo o tipo de conhecimento do fenómeno desportivo que os alunos possuem. Conscientes do seu significado, os alunos reportaram o impacto que a intervenção efectuou na sua Cultura Desportiva, sendo que todos os alunos reportaram que esta evoluiu. Os alunos ganharam consciência da evolução que a sua Cultura Desportiva sofreu, conceito explicado a todos os alunos na introdução da pergunta durante as entrevistas.

A última questão das mencionados entrevistas, procurou encaminhar os alunos para uma reflexão final sobre o projecto de estudo. Os alunos nesta fase deveriam realizar um comentário reflexivo e global sobre a temática.

Esta questão visava então uma avaliação sucinta por parte dos alunos sobre os efeitos causados pelo projecto de estudo em relação à evolução do seu conhecimento do fenómeno desportivo. Os alunos com tempo e oportunidade reflectiam sobre os efeitos e progressos do seu conhecimento desportivo. Conseguimos atingir um sucesso de 100% em termos de evolução do conhecimento do fenómeno desportivo ao longo do ano, com todos os alunos a realçarem a sua progressão. Os testemunhos mais relevantes realizados pelos alunos visavam os seguintes pontos de opinião:

*"O meu conhecimento progrediu ao ter contacto com desportos que para mim foram novidade. Como consequência deste aspecto, das fichas informativas e das discussões na aula acerca dos acontecimentos desportivos, a minha motivação para praticar desporto aumentou, o que considero muito positivo."*A4

*"Sem dúvida que o meu conhecimento progrediu. O facto de me sentir motivado para conhecer as práticas desportivas de todo o mundo facilitou bastante o meu processo de aprendizagem, assim como o meu gosto por desportos americanos e de equipa. Considero que o estímulo incentivado pelo professor funcionou de forma muito positiva."*A11

*"O meu conhecimento progrediu bastante. Os anos anteriores basearam-se em conteúdos programáticos e metodologias de ensino semelhantes, não havendo sensibilização para o fenómeno desportivo por parte dos professores. Este ano sem dúvida que foi diferente, todos nós evoluímos".*A13

"O meu conhecimento progrediu. A aprendizagem foi muito estimulada pelas iniciativas do professor. Conhecendo os acontecimentos desportivos que estavam a acontecer eu senti-me muito mais interessado para os acompanhar, o que não acontecia anteriormente. Apesar de não poder fazer a aula, também

*posso pesquisar em casa e interesse-me tal como eles, sendo uma iniciativa acessível a todos."*A18

Os alunos realçaram com optimismo e satisfação o impacto da implementação do projecto de estudo. Reflectiram sobre o tema e tentaram justificar e fundamentar os acontecimentos vividos. Conseguir identificar os efeitos causados pela intervenção e explicar os motivos causadores de tais efeitos, relatados na primeira pessoal de forma informal.

4.7.4 Conclusões do Projecto de Investigação

O ser humano ao longo da sua carreira laboral, deve a todo o custo valorizar a sua área de intervenção. Deve saber dominar os assuntos da sua especialidade e deve a todo o custo transmitir a importância da mesma aos demais. Quando nos deparamos sobre o fenómeno desportivo, amplamente discutido e unanimemente considerado como um dos fenómenos de maior relevância na sociedade actual, devemos pautar a nossa conduta com uma crescente valorização do fenómeno.

Ao longo deste ano lectivo, os alunos foram sempre estimulados e cativamos a evoluírem o seu conhecimento em termos desportivos, através de estratégias simples e enquadradas. O Projecto de Intervenção Cultural do Fenómeno Desportivo teve como principal objectivo desenvolver a Cultura Desportiva dos alunos através das diferentes vias de aprendizagem do processo. Pensamos ter cativado os alunos para o contexto desportivo como praticantes, espectadores, pesquisadores e como elementos integrantes da disciplina de Educação Física. Os alunos ao longo das aulas discutiram sobre desporto, acompanharam os principais eventos desportivos, pesquisaram sobre o fenómeno e adquiriram conhecimentos sobre o mesmo, o que prova o sucesso do projecto de intervenção.

Nesta fase terminal da sua formação em termos de Ensino Secundário, este tipo de estimulação para o desporto assumiu contornos fulcrais. Numa fase em que estes alunos vão encarar uma nova etapa da sua vida académica, é essencial “partirem” com um conhecimento desportivo e de todas as suas vertentes elevado. Na nossa tarefa de formadores e educadores é com agrado que identificamos que os alunos envolvidos no projecto, são alunos que valorizam a disciplina de Educação Física, num sentido mais específico, e o Desporto, numa óptica mais ampla. Estes alunos, futuros elementos activos da sociedade, são conhecedores do processo desportivo e são “promotores” do mesmo.

Numa óptica de valorização desportiva, os objectivos proposto foram atingidos e, em alguns pontos, superados. Conseguimos

promover a nossa área de intervenção, conseguimos educar/formar os alunos para o Desporto e consciencializá-los para a sua importância na sociedade moderna. São alunos que vão enfrentar o futuro com conhecimento desportivo e, conseqüentemente, contribuir para a sua constante evolução.

Será que estes alunos, depois de acabarem o seu percurso no Ensino Secundário, vão continuar a demonstrar um interesse elevado pelo fenómeno desportivo? Não temos certeza disso, mas temos plena consciência que estão preparados e estimulados para que isso continue na sua vida futura. Como conclusão fiquemos com o relato deste aluno, muito interessante e fundamentador da implementação do projecto.

“ O facto de o professor nos ter mostrado um desporto novo todas as semanas, a forma como é jogado, as regras e os detalhes dos jogos, a forma como deu as aulas, de explicar e como compreendeu os alunos, aumentou bastante a minha cultura desportiva, não só porque nos mostrava os novos desportos, mas também porque incutiu uma curiosidade relativamente a novos desportos que nos faz querer sempre conhecer e saber mais. Provavelmente por causa das aulas de Educação Física focarem sempre os mesmos desportos durante estes anos todos perdemos um pouco de cultura desportiva e fechamo-nos relativamente a novos desportos. Penso que esta metodologia é uma boa arma para combater a rotina das aulas de Educação Física.” A15

5 Perspectivas Futuras e Considerações Finais

5.1 O Amanhã

O homem da era moderna deve definir objectivos a cumprir, patamares para serem alcançados, metas para serem atingidas, ambições realistas e adequadas para a sua realização pessoal. Ao longo do nosso percurso vamos delineando estratégias e definindo o nosso futuro. O nosso rumo é marcado pelas nossas ambições e querer de chegar ao topo. O sucesso é sempre um desejo, mas nem sempre é almejado. Num exercício de previsão, é complicado definir o nosso futuro com total certeza, mas devemos ter na nossa mente uma concepção do mesmo.

Um estudante da nossa área, findado o seu mestrado pode continuar a sua formação académica, pode ingressar no mercado laboral ou pode tentar conciliar estes dois mundos. Actualmente, a empregabilidade na nossa área atravessa uma fase crítica, onde os candidatos superam na sua maioria as vagas de trabalho. Vivemos tempos conturbados, onde o trabalho não é para todos os habilitados da área. O trabalho é para um público mais reduzido, com uma grande tendência para os elementos mais capazes. Hoje em dia, quando nos candidatamos a algum trabalho temos de ser diferentes dos outros, características que nos distinguem dos demais, qualidades que nos valorizam em comparação com os outros. Nesta sociedade cada vez mais competitiva, não nos basta ser bons. Temos de ter capacidades distintas e diferentes dos demais.

Com esta noção da realidade, penso que o meu percurso como estudante ainda não está terminado. Obviamente que o nosso processo de formação, ocorre ao longo de toda a nossa vida, mas o meu processo de estudos e carreira académica ainda está longe do fim. Após 5 anos de formação com qual adquiri habilitações na área do Treino de Alto Rendimento na modalidade de Futebol e na área do Ensino de Educação Física, preenchi duas vertentes importantes da nossa área. Embora me identifique em termos laborais com estas duas vertentes, quero efectuar uma especialização na área de Gestão Desportiva,

findada a qual estarei habilitado a trabalhar em quase todas as vertentes da nossa área. Para tal, tenho em mente uma nova aventura no estrangeiro.

Com esta situação, ficaria com uma área de impacto mais ampla, complementado os conhecimentos já adquiridos. Com o intuito de uma maior valorização pessoal e de me tornar mais apto e “apetecível” para o mercado de trabalho, candidatei-me a uma Bolsas de Mestrado da Comissão Fulbright, para estudantes portugueses que queiram realizar períodos de estudo nos Estados Unidos da América. No presente momento, encontro-me na última etapa da fase de selecção, pelo que as perspectivas de obtenção da bolsa são reais. Caso se concretize esta oportunidade, vou continuar a minha formação mas, desta vez, noutra área dentro do mesmo universo, o desportivo.

5.1 Considerações Finais

Os objectivos propostos para realização deste documento basearam-se na conduta de qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Num ano de conclusão de um percurso, a passagem para o terreno de intervenção acarreta situações únicas e particulares. Cada caso é um caso, mas todos se processam sobre a aura de finalização de uma formação. Esta fase, pressupõe uma prática supervisionada e orientada num processo de introdução ao contexto escolar.

A nossa intervenção, deve ser pautada por objectivos delineados, fundamentos de basilares e princípios de conduta. Devemos ser coerentes com a nossa concepção do processo e contexto, numa formulação de um produto. Somos formadores e educadores enquanto terminamos a nossa própria formação.

Reflectindo sobre o enquadramento profissional, a realização de prática e as características laborais e pedagógicas de ser professor, procuramos abordar um Estágio Profissional. Sempre com cunho pessoal e reflexivo, debatemos temáticas e fundamentamos estratégias. Relatamos conhecimentos e implementamos projectos de estudo. Averiguamos resultados e pensamentos concretos.

Em suma vivenciamos situações e experiências, num caminho para a formação, formação esta sempre contextualizada com a realidade em que estamos inseridos. Enunciando situações discorremos sobre temos e abordamos perspectivas, sempre com processo de ensino-aprendizagem como “pano de fundo”. Inovamos em aspectos fundamentais e tentamos ser criativos, sempre com o intuito de estimular os nossos alunos para a aprendizagem dentro de um contexto, o contexto desportivo, génese da nossa profissão. Trabalhamos esperanças para um futuro, com a esperança de despertar, ou utilizando o conceito Desporto, simplesmente “desportar”...

Bibliografia

Amado, João; Freire, I.; Carvalho, Elsa & André, Maria João (2009). O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 75-86.

Bento, J.O. (1993). Da Cultura Lusíada À Cultura Desportiva. In J. Bento & A. Marques, (Eds.). *A Ciência do Desporto, A Cultura e o Homem*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. 3º Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, Porto, 1993, pp. 17-30.

Brustad, R.J. (1996). Parental and peer influence on children's psychological development through sport. In F.L. Smoll & R.E. Smith (Eds.), *Children and youth in sport. A Biopsychosocial Perspective*. (pp.112-124). Madison: Brown & Benchmark Publishers.

Constantino, J. M. (1999). *Desporto, Política e Autarquias – Cultura Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Costa, A.S. (1993). Cultura Desportiva e Cultura Industrial. In J. Bento & A. Marques, (Eds.). *A Ciência do Desporto, A Cultura e o Homem*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. 3º Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, Porto, 1993, pp. 41-49.

Espírito Santo, José (2009). Formação de Professores para a prevenção da indisciplina. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 87-100.

Garmston, R. Lipton, L. & Kaiser, K. (2002). A psicologia da supervisão. In J. Formosinho (org.), *A supervisão na formação de professores II. Da organização à pessoa*. Porto: Porto Editora, pp. 17-132.

Gonçalves, J.A. (2009). Desenvolvimento profissional e carreira docente — Fases da carreira, currículo e supervisão. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 23-36.

Gonçalves, M. R. (1998). *A dimensão relacional no processo de supervisão de professores*. Dissertação de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve.

Graça A. (2001) Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 1, nº 1, pp. 104 –113.

Marcelo, Carlos (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 7-22

Rodrigues A.(2007) *A formação de professores para a prática na formação inicial*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Taffarel (1989). *Abordagem critico-superadora em Educação Física*. Rio de Janeiro

Tsangaridou N. & O’Sullivan.M (1994) : Using Pedagogical Reflective Strategies to Enhance Reflection Among Preservice Physical Education Teachers. *Journal of Teaching in Physical Education*, Ohio State University.

Vieira, F. (1995). Pedagogia para a autonomia — implicações discursivas e análise da interacção. In I. Alarcão (ed.), *Supervisão de professores e inovação educacional*. Aveiro: Edição CIDInE, pp. 53-68.

Vilas Boas, A.J.G (2009). *A Cultura Visual Desportiva – Contributos para a sistematização de um fenómeno*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

7 Anexos

PERCURSOS PARALELOS

Vem aprender sobre o antes, o durante
e o pós ingresso no ensino superior.

Relatos na primeira pessoa
sobre a tua próxima
realidade.

Oradores:

João Oliveira

José Guimarães

Luís Melo

Manuel Dantas

Manuel Pereira

23
ABRIL 11h50

Auditório Carolina Michaëlis

Berkeley University
Technische Universiteit Eindhoven

Universidade do Porto Universidade do Minho
Escola Superior Artística do Porto
Universiteit Gent Manchester University

Proposta de Execução de uma Palestra sobre o Ensino Superior

Esta proposta surge no âmbito do estágio profissional que estou a realizar na Escola Secundária Carolina Michaëlis, fruto do protocolo entre a escola e a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Ao longo do mencionado estágio profissional, uma das tarefas que o compõem pressupõe que o professor estagiário desenvolva uma actividade para a comunidade escolar, que normalmente se confina a execução de actividades desportivas.

Não querendo entrar no erro da monotonia e simples reprodução de actividades já executadas, pensei que seria do interesse dos alunos desenvolver uma actividade distinta. Tendo em consideração que estou a terminar o meu percurso no Ensino Superior pareceu-me oportuno realizar uma palestra sobre este tema, visto que será o futuro da maioria dos alunos da nossa escola. Com uma óbvia focalização nos alunos do 12º ano, universo no qual se insere a “minha” turma, o propósito da tarefa seria o de debater todas as variantes do processo, desde a entrada e candidatura, as vivências e término do mesmo.

Como oradores, estão já apalavrados 4 pessoas de áreas distintas e eu próprio. Cada um de nós irá falar da sua experiência ao longo do processo, motivações para ingresso na sua área, opções de mobilidade através dos protocolos da Universidade do Porto, projectos para o futuro e conselhos importantes que cada orador considere conveniente fornecer.

A duração da palestra seria de aproximadamente um bloco de 90 minutos, em que cada orador fazia a sua apresentação por um período nunca superior a 15 minutos, sendo que a parte final da mesma seria para colocação de questões por parte dos alunos.

Os oradores da palestra serão:

- Luís Melo, professor estagiário da escola secundária Carolina Michaëlis, licenciado em Ciências do Desporto e aluno de 2º ano de Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.
Universidade de Mobilidade: Universiteit Gent, Bélgica e University Of Califórnia, Berkeley , Estados Unidos.
- Manuel Pereira, aluno de 4º ano de Mestrado Integrado em Engenharia Química, da FEUP.
Universidade de Mobilidade: Technische Universiteit Eindhoven, Holanda.
- João Pedro Oliveira, licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, actualmente no 1º ano de Mestrado de Ciências

da Comunicação – vertente Informação e Jornalismo na mesma universidade.

Universidade de Mobilidade: Manchester Metropolitan University, Inglaterra.

- José Pedro Guimarães, licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, Mestre em Comunicação Gráfica pela Universidade Autónoma de Barcelona.

Universidade de Mobilidade: Universite Catholique de Lovain la Neuve, Bélgica e Universidade Autónoma de Barcelona.

- Manuel Dantas, aluno de 3ºano de Arquitectura na ESAP.

Todos os palestrantes são actuais estudantes ou terminaram o seu percurso à menos de um ano, situação que irá tornar a sua apresentação de ideias actual e ainda bem presente nas suas memórias. Serão relatos actuais e do interesse dos alunos. A maioria dos palestrantes realizou ou vai realizar períodos de estudo no estrangeiro, situação relativamente recente e que pode abrir “as portas da Europa e do Mundo” aos nossos alunos, nesta sociedade cada vez mais globalizante.

Como o intuito da palestra é que compareça o maior número de interessados, parece-me oportuno que esta seja realizada durante o último bloco de aulas da manhã, para prevenir que caso a fase de questões abertas se prolongue mais um pouco, tal não possa prejudicar um bloco de aula seguinte. A palestra teria lugar no dia 23 de Abril.

Com o aproximar dos Exames Nacionais e posterior candidatura dos nossos estudantes ao Ensino Superior parece-me que esta palestra surge numa altura ideal. O Ensino Superior que para a maioria dos alunos é ainda um contexto estranho, irá ser apresentado na primeira pessoa, familiarizando os nossos alunos com o mesmo. Temas como a troca de curso, ensino público vs ensino privado, mudança de cidade e perspectivas de trabalho serão o foco da palestra, com o objectivo primordial de elucidar os nossos alunos para um futuro que se aproxima rapidamente.

Aguardando um parecer favorável

Respeitosamente

Porto, 16 de Março de 2010

Luís Melo

(Professor Estagiário de Educação Física)

Estrutura da Entrevista

Esta entrevista tem como finalidade aferir de que modo o projecto que tentei implementar na turma tem ou não sortido efeito. Deves responder com a maior veracidade possível tendo em consideração todos os acontecimentos que ocorreram ao longo deste ano lectivo nas aulas de EF. Todos os alunos da turma vão ser entrevistados e serão seleccionadas apenas 10 entrevistas aleatoriamente. Responde às questões que te forem colocadas com um cunho pessoal e sempre considerando que esta actividade não tem nada a ver com a tua classificação ou avaliação nas aulas desta disciplina.

Questões para a entrevista.

1. De uma maneira muito geral, o que significa o desporto na tua vida?
2. Ao longo das aulas de EF, foste confrontado semanalmente com os diferentes acontecimentos desportivos que se estavam a realizar. De que forma esta abordagem contribuiu ou não para te sentires mais actualizado em termos desportivos em relação ao início do ano lectivo?
3. Ao longo do segundo período, foste confrontado semanalmente com modalidades desportivas bastante peculiares e praticamente desconhecidos do nosso quotidiano. Qual é a tua opinião sobre esta intervenção cultural do fenómeno desportivo que tem vindo a ser realizada no início das aulas?
4. Um dos grandes objectivos traçados pelo teu professor este ano, foi o de tentar fomentar uma crescente cultura desportiva nos alunos. Qual é a tua opinião sobre este assunto?
5. Comparando o teu conhecimento do fenómeno desportivo no início deste ano lectivo com aquele que possuis actualmente, pensas que ele regrediu, estabilizou ou progrediu? Quais são as razões para a tua resposta.

Horários das entrevistas

Data	23/4	30/4	7/5	14/5
14:00	António	Nuno Soares	Andrea	
14:15	Rui Martins	Diana	Joana Raquel	Rui Sérgio
14:30	Diogo	Miguel	Paula	Jessica
14:45	Catarina	Marcelo	Joana Maria	Vitor
15:00	Pedro	Vânia		Jorge

Nota: O aluno Nuno Guedes foi o único da turma que não realizou a entrevista por incompatibilidade de horários.

**Projecto de Intervenção
Cultural do Fenómeno
Desportivo -
Folhetos**

SEPAK TAKRAW



Sepak Takraw é um daqueles desportos que não precisam de explicação para sabermos porque são esquisitos. Basta dizermos: “ah, eu pratico sepak takraw” e toda a gente vai ter a certeza imediata de que não somos bons da cabeça.

Mas não deviam porque o sepak takraw é um desporto tão digno como qualquer outro. E nem é assim tão esquisito... nada se compara a rebolar por encostas atrás de queijos ou disputar quem é que atira um atum mais longe.

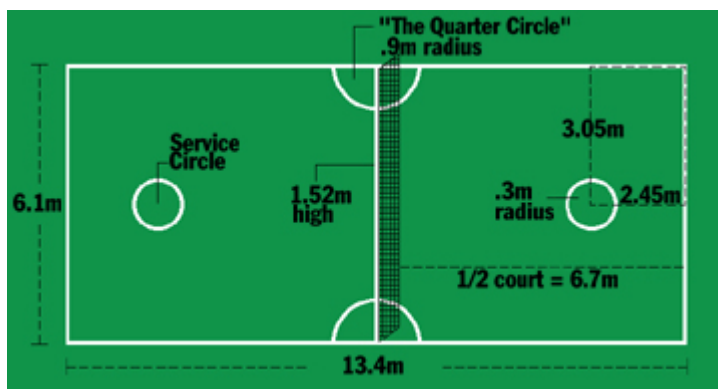
Ora então, o sepak takraw conta já com 500 anos de história e deve o seu nome a um acordo entre a Malásia e a Tailândia, as duas “casas-mãe” desta modalidade. Sepak é malaio e significa “pontapé”, takraw é tailandês e significa “bambu”, porque as bolas eram originalmente feitas de rattan, um tipo de bambu. Hoje em dia são sintéticas.



Tradicionalmente, o sepak takraw era jogado em círculo e consistia em passar a bola sem a deixar cair no chão. Na década de 20 um grupo de entusiastas introduziu a rede no jogo e criaram algumas regras que o tornaram mais atractivo, nos anos 40 esta versão alastrou-se pelo sudeste asiático e foram estabelecidas regras formais. A nível internacional, este desporto é gerido pela ISTAF (International Sepak Takraw Federation) e todos os anos realiza-se na Tailândia a King's Cup World Championships.

Devido ao enorme sucesso na Malásia, Tailândia, Myanmar, Vietname, Camboja, Laos, Filipinas e Indonésia, o sepak takraw expandiu-se facilmente para além das fronteiras asiáticas. Em 1986, um grupo de estudantes malaio nos EUA começam a organizar jogos da modalidade e a ensinar os colegas. No Canadá o sucesso foi tal que criaram a sua própria associação, a Sepak Takraw Association of Canada. Recentemente, a modalidade chegou também ao Brasil, onde tem reunido muitos adeptos, principalmente entre praticantes de futevôlei e capoeira. As características do sepak takraw, que alia a destreza e habilidade do futebol, aos fundamentos do voleibol e à agilidade das artes marciais – e da capoeira –, tornam os brasileiros particularmente aptos para serem grandes jogadores e a prova disso é que foram campeões mundiais em 2001, 2003 e 2007.

Chegando agora ao desporto propriamente dito, o principal objectivo do sepak takraw é passar a bola por cima da rede, usando qualquer parte do corpo. Se a bola tocar no chão é ponto, como no voleibol. As equipas têm 4 elementos, sendo um deles suplente. Em cada jogada, podem tocar na bola 3 vezes antes de a passarem para o lado adversário, podendo ser o mesmo jogador a executar os 3 toques. É permitido bloquear, desde que as mãos e braços não toquem na bola e o jogador não toque na rede.



PADEL

O Padel é uma nova modalidade que está a criar adeptos em todo o Mundo. Em termos técnicos compara-se ao Ténis tradicional, mas é muito mais fácil em termos físicos, pois os jogos duram menos tempo e o campo é mais curto (20m de comprimento e 10m de largura). As linhas desenhadas nos *courts* servem apenas para delimitar as zonas de serviço, e a rede mede 95 centímetros de altura no centro e 1 metro nas extremidades, semelhante às redes de Ténis (1m e 1,20m). Outra das particularidades do Padel é o facto de a bola estar sempre em jogo, desde que não bata no chão. Quando se joga num terreno aberto, se por acaso a bola for parar às bancadas, é melhor os espectadores desviarem-se, se não ainda podem ver um jogador cair-lhes em cima; literalmente...

Se se jogar num recinto fechado e o esférico bater numa das paredes existentes, o jogo continua em aberto, o que equivale por dizer que, também aqui, só se marca ponto quando a bola cai no chão.

Em termos de regras de jogo, estas são muito similares às do Ténis, mas com várias diferenças: o serviço, só pode ser executado abaixo da linha de cintura e só se pode bater com a bola no chão 1 vez.

Além destas características, ainda se destacam outras, como por exemplo, o facto de não haver jogos de singulares, pois todos os encontros são disputados por pares masculinos, pares femininos ou pares mistos; e das raquetas serem completamente diferentes das do Ténis. As do Padel são mais curtas (45 cm de comprimento), não têm encordoação e são fabricadas em materiais sintéticos extremamente leves.

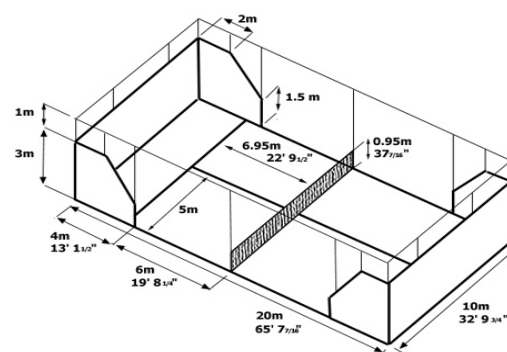
No Padel, o “toque” e a colocação da bola assumem um papel importantíssimo; e o “*slice*” é o efeito a que a maioria dos jogadores recorre, quando as coisas não estão a correr bem.

Os locais privilegiados para o desenvolvimento desta nova modalidade são os clubes de Ténis, mas já há várias unidades hoteleiras, clubes de bairro e ginásios que possuem alguns *courts* de Padel.

Este desporto tem ainda a vantagem de se poder jogar em qualquer lado, como por exemplo um parque de campismo, um parque de estacionamento e uma praia, pois a montagem de uma pista acrílica (fibra de vidro) é de fácil execução e o custo não é muito elevado.

De entre os milhares de praticantes de Padel espalhados pelo Mundo, podemos destacar Guillermo Canas (antigo praticante de ténis), Diego Maradona (que curiosamente joga com a mão direita, quando o seu pé mais forte é o esquerdo), Plácido Domingo (cantor lírico) e o ex-primeiro ministro espanhol, José Maria Aznar. Em Portugal, esta nova modalidade ainda não tem muitos adeptos, mas os tenistas Rui Machado, Leonardo Tavares, Neuza Silva e Frederica Piedade. Em 2009 o Campeonato da Europa de Padel realizou-se em Portugal, mais precisamente em Cascais.

<http://www.europadel09.com/home.html>



História

Em 1974 Alfonso de Hohenlohe viaja até ao México convidado pelo seu amigo Enrique Corcuera. Na sua estadia interessa-se pela prática de um novo desporto que o seu amigo havia criado recentemente, incorporando a uma parede outra parede oposta de 3 metros de altura, colocando uma rede no meio e fechando as laterais da dita pista com uma malha metálica. Jogava-se com raquetes de madeira e deu-lhe o nome de Paddle-Tenis.

O seu entusiasmo por esta nova modalidade desportiva não se fez esperar, já que, Alfonso Hohenlohe, no seu regresso a Espanha, e depois de estudar e aperfeiçoar alguns detalhes da pista e das regras do jogo, constrói as duas primeiras pistas de Espanha, no Marbella Clube. Assim começou a promover o Padel entre os seus amigos da Jet-Set, os quais ficaram aficionados da modalidade.

O êxito que, este desporto obteve em pouco tempo, atraiu figuras destacadas do ténis como Manolo Santana, que começou a organizar torneios e a divulgar o Padel em toda a Costa do sol, onde vários clubes começaram a construir as suas próprias pistas.

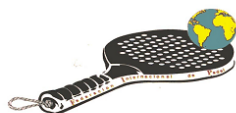
Em 1975, um grande amigo de Alfonso de Hohenlohe e visitante assíduo de Marbella, o milionário Argentino, Júlio Menditengui é testemunho do êxito do padel, e decide importar este desporto para a Argentina, onde em poucos anos, obteve um êxito sem precedentes convertendo-se hoje em dia no segundo desporto mais praticado neste país, com mais de 2.000.000 de jogadores e 10.000 pistas construídas em todo o território. Nos últimos anos o padel estendeu-se a outros países como o Brasil, Uruguai, Chile, Paraguai, etc. Esta influência chegou também à América do Norte onde já se podem contar aficionados entre os estadonidenses e canadianos.

Em Espanha, o padel começa a estender-se às grandes cidades e clubes desportivos de Madrid, Barcelona, Andaluzia, Galiza e País Vasco. Criam-se as infra-estruturas necessárias para a prática deste desporto por todo o país, e organiza-se um Circuito Nacional de Torneios, que decorre nos clubes mais prestigiados do país.

No dia 25 de Julho de 1991 em Madrid constitui-se a Federação Internacional de Padel cuja presidência é atribuída a um espanhol, Júlio Alegria Artiach, que se encarregou de criar um circuito de encontros internacionais e concretizar um regulamento internacional do jogo. No mês de Maio de 1993, o padel deu um passo decisivo para a sua consolidação: o Conselho Superior de Desportos, reconheceu o padel como modalidade desportiva. Um ano depois, foi aprovada a constituição da Associação Espanhola de Padel inscrita no Registo de Associações Desportivas do Conselho Superior de Desportos.

Em 1992, nas instalações do Clube de Golfe La Moraleja e na Expo de Sevilla realizou-se o **Campeonato do Mundo de Padel**, com a participação de delegações de 11 países da América e da Europa. : Em 1996 Espanha voltou a ser sede do Campeonato do Mundo, que se celebrou nas instalações do Clube de Campo Villa de Madrid e em que se bateu o record de países participantes.

Em Portugal, o primeiro campo de padel foi construída no Lisboa Racket Centre na década de 90, mas, sem que a modalidade tenha conseguido grande desenvolvimento. É nos finais de 90, que o padel se começa a desenvolver com a construção de 2 campos no Clube de Ténis de Vila Real de Santo António e mais tarde com a construção de 3 campos na Quinta da Marinha Clube de Ténis. O Clube de Ténis do Estoril também aderiu recentemente à modalidade com a construção de 2 campos, assim como o, Vale do Lobo Ténis Academy. No Lisboa Racket Centre foram colocadas mais 2 campos em vidro.



<http://www.padelip.org/>

Associação Portuguesa de Padel

<http://www.padelapp.com/>

Lacrosse

O Lacrosse é um desporto de equipa popular principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, jogada por 10 jogadores (equipas masculinas) e 12 (equipas femininas), em que cada jogador usa um stick com uma rede (o crosse) onde através de passes e recepções de uma bola de borracha têm o objectivo de marcar golos rematando a bola para dentro da baliza do adversário.

A equipa é composta por três atacantes, três médios, três defesas e um guarda-redes. No Lacrosse masculino, os jogadores devem usar equipamento de protecção nas suas cabeças, ombros, braços e nas mãos.

O Lacrosse feminino é jogado da mesma maneira, com a diferença de que há mais dois médios por equipa. As jogadoras apenas usam protecção nos olhos (excepto a guarda-redes que usa mais equipamento: um capacete, caneleiras e uma protecção para os seios). O contacto não é permitido, apenas pequenos toques com o stick.

História

O Lacrosse foi o primeiro desporto dos indígenas americanos (antes do século XV), cada equipa era constituída por 100 a 1000 jogadores em campo, o qual se estendia de aproximadamente 457,20 metros a um par milhas de comprimento (usavam fronteiras ou limites naturais). Eram disputados para "ajustes de contas" inter-tribais. Os jogadores concentravam-se primeiro em lesionar os seus adversários com os seus "sticks" pois assim facilmente marcavam golos. Os jogos duravam desde o nascimento até ao pôr-do-sol ou mesmo durante dois a três dias. Com frequência os jogadores eram gravemente lesionados e até mortos. O Lacrosse desempenhou um papel significativo na comunidade e na vida religiosa das tribos de todo o continente por muitos anos. Foi caracterizado pelo envolvimento espiritual profundo, pois jogavam com o objectivo de sentirem honra e glória por eles próprios e pelas suas tribos.

O jogo foi denominado Lacrosse por observadores franceses. O nome é possivelmente uma estenografia de uma frase como "le jeu de la crosse" (o jogo do pau).

Em 1856, Dr. William George Beers, um dentista canadiano, fundou o Clube de Lacrosse de Montreal e em 1867 regulamentou a modalidade, encurtando a duração de cada jogo e reduzindo o número de jogadores por equipa (10 jogadores). A partir do ano de 1900, escolas secundárias, colégios e universidades começaram a praticar o Lacrosse, disputado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Verão do ano de 1904 e 1908. Em 1930, uma versão indoor do jogo, Box Lacrosse, foi introduzida no Canadá. Rapidamente tornou-se na versão dominante do Lacrosse nesse país.

A explosão desta modalidade foi facilitada pela introdução das cabeças do stick plásticas inventadas pela marca Baltimore (estado de Maryland) - fabricante da marca de equipamento STX (sticks) a partir de ano de 1970. Esta inovação reduziu o peso e o custo do stick, e fez com que o jogo tivesse passes mais rápidos e uma velocidade de jogo mais rápida.



Equipas Profissionais

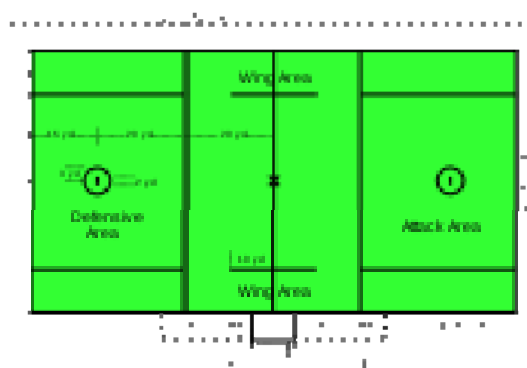
Há 13 equipas que jogam na National Lacrosse League (liga de Box Lacrosse); dez dos Estados Unidos e três do Canadá; na Major League Lacrosse (liga de Lacrosse outdoor), há dez equipas,

todas dos Estados Unidos e mais duas equipas que competirão na época de 2008; na Austrália existem três associações de Lacrosse: Lacrosse South Austrália, Lacrosse Vitória e Western Australian Lacrosse Association. O nível mais elevado de Box Lacrosse tem duas ligas no Canadá: a Western Lacrosse Association e a Major Séries Lacrosse, ambas com 7 equipas.

O Lacrosse neste momento é jogado por mais de 28 nações em quatro continentes (Ásia, Austrália, Europa, América do Norte e do Sul): Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bermudas, Bulgária, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Escócia, Estados Unidos, Eslovénia, Eslováquia, Espanha, Finlândia, Holanda, Hong Kong, Inglaterra, Irlanda, Iroquois, Itália, Japão, Letónia, Nova Zelândia, País de Gales, República Checa, Suécia, Suíça e Tonga. Na Europa os países que estão a trabalhar para implementar o Lacrosse são: Bélgica, Estónia, Hungria, Polónia, Portugal e Rússia

Regras

O objectivo do Lacrosse é introduzir uma pequena bola numa baliza, usando uns sticks, chamados crosse, com uma rede. É fundamental dominar a velocidade, controlo da bola e capacidade de jogar em equipa, senão... nada feito. Cada equipa é composta por três atacantes e três médios, além de três defesas e um guarda-redes, os quais usam crosse ligeiramente maiores para proteger a baliza que mede 1,80 x 1,80 metros. **Atenção que os golos só são válidos se todos os elementos da equipa estiveram no meio-campo adversário.**



Nesta modalidade é permitido o contacto físico, corpo com corpo e crosse com crosse. É falta quando há contacto entre um jogador e um crosse. E por isso mesmo os jogadores usam capacetes e luvas, entre outras protecções. O jogo inicia-se com bola no chão e os jogadores podem correr com a bola, passá-la pelo ar ou até chutá-la! Fica também a saber que devido à grande velocidade de jogo, existe uma média de 20 golos por jogo, sendo que o relógio está sempre a contar. O campo tem 100 metros de comprimento e 55 de largura, e o jogo é disputado em quatro partes de 15 minutos cada

Portugal

No início de 2009 foi criada a primeira equipa em Portugal, na cidade de Coimbra, pelas mãos de Francisco Fonseca e o clube que lhe "abriu as portas: Associação Cristã da Mocidade, nascendo assim a equipa ACM Lacrosse (que neste momento acolhe jogadores dos 18 aos 21). A vontade de seguir com o projecto é muita e já receberam o Presidente da Federação Europeia de Lacrosse para o 1º Colóquio de Lacrosse, como também jogadores e treinadores que representaram equipas importantes nos EUA. Para já temos apenas esta equipa, mas já estão outros projectos em cima da mesa, nomeadamente em Lisboa, e há uma escola de desporto na Póvoa do Varzim que para o próximo ano vai começar a praticar lacrosse, começando na formação. O melhor jogador de Lacrosse do Mundo é descendente de portugueses e tem 41 anos. Chama-se John Tavares



Federação Internacional de Lacrosse - <http://www.filacrosse.com/>

Federação Europeia de Lacrosse - <http://www.europeanlacrosse.org/>

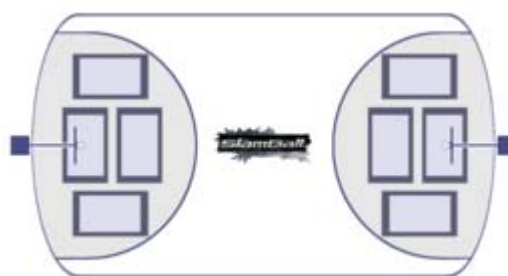
Slamball

O Slamball surgiu na Califórnia no início dos anos 2000. Foi inventado por Mason Gordon, que queria criar um desporto que aproximasse a vida real dos videojogos. Assim nasceu o Slamball, um desporto baseado no basquetebol, cuja principal diferença é o campo, construído com quatro trampolins na área do garrafão que servem para lançar os jogadores, que 'voam' e fazem afundações espectaculares. Para evitar que os jogadores se lesionem na hora das mais incríveis jogadas, o aro é acolchoado. As regras também permitem contacto físico entre os quatro jogadores em campo. Para formar as equipas, os organizadores recrutaram jogadores de basquetebol e também de futebol

americano.

Regras

No Slamball o objectivo é o mesmo do basquetebol, ou seja marcar mais pontos que o adversário. Os lançamentos de linha de três pontos valem o mesmo que no basquetebol, ou seja três pontos, mas a grande diferença é que os afundaços também. Cada equipa é composta por 4 jogadores de campo e as substituições são ilimitadas e podem acontecer durante o jogo, à semelhança do hóquei no gelo. Um jogador é excluído quando atinge as 3 faltas, ao contrário do basquetebol onde um jogador é excluído à sexta falta. O jogo é composto por quatro períodos de 5 minutos.



Críquete - Cricket

O **críquete** é um desporto que utiliza bola e tacos, cuja origem remonta ao sul da Inglaterra, durante o século XVI e é considerado por muitos um desporto parecido com o baseball. Ele foi inspirado num rudimentar jogo rural medieval chamado *stoolball* e foi adoptado pela nobreza no século XVII. Sofreu muitas transformações ao longo dos anos até se tornar um desporto bastante admirado no Reino Unido, na Índia e no Paquistão.

Jogam onze jogadores de cada lado, num campo sem dimensões fixas, mas sempre muito amplo. Os movimentos principais passam-se numa faixa rectangular de 20,1 metros de comprimento, no centro do campo, onde a bola (de cortiça e couro) chega a voar 150 km/h. Ela é lançada pelo lançador contra o alvo do adversário (três varetas fincadas no solo, chamadas wicket), defendido pelo batedor. Os outros jogadores das duas equipas tomam posições de ataque ou defesa, de acordo com a posse da bola dos lançadores, e agem com o mesmo objectivo destes: atacar ou defender o wicket.



Campo

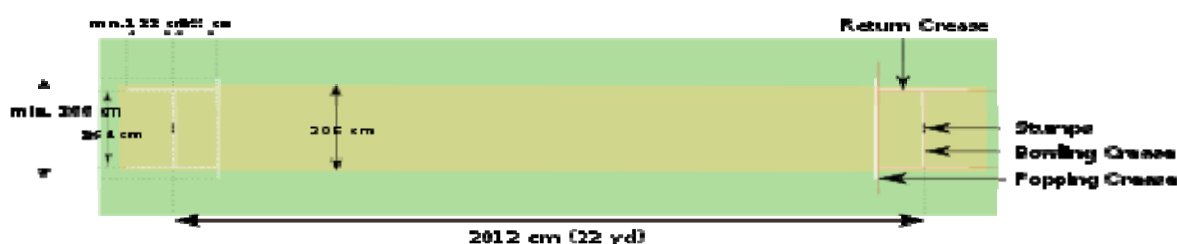
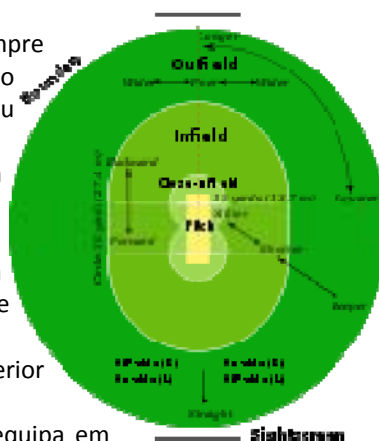
Jogam onze de cada lado, num campo sem dimensões fixas, mas sempre muito amplo. Normalmente, o campo costuma ser oval, sendo constituído por 3 espaços: 1 Rectângulo ou "Pitch", 1 Circulo Interior ou "Infield" e 1 Circulo Exterior ou "Outfield".

O Rectângulo ou "Pitch" está no centro do campo. É onde se colocam os 2 Atacantes Batedores. Cada um destes possui um taco de críquete. Nas extremidades de cada Rectângulo colocam-se 2 Defesas, o Lançador e o Receptor. O Lançador da bola está colocado na extremidade inferior do Rectângulo e o Receptor está na extremidade superior para apanhar as bolas.

No Espaço Interior ou "Infield" colocam-se Defesas e no Espaço Exterior ou "Outfield" também.

São 11 Defesas de uma equipa e 2 Atacantes Batedores de outra equipa em campo.

O Rectângulo tem as seguintes zonas: 2 Extremidades e 1 uma Zona Central. As Extremidades apresentam 1 H Grande... é no coração do H que se colocam os "paus" designado por "Wicket"



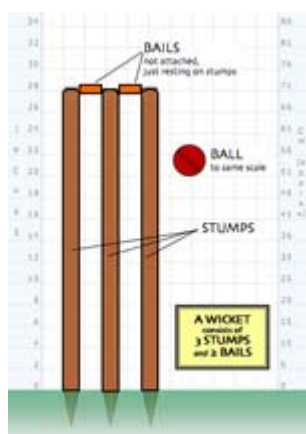
Atacantes Batedores

Aqueles que tem o taco de críquete são os Atacantes Batedores e pertencem a uma equipa...

Cada Atacante Batedor coloca-se à frente do seu "wicket"... 1 fica à espera da bola que lhe é enviado pelo Defesa Lançador... o outro Atacante Batedor fica à espera para começar a correr...

Ao Atacante Batedor que lhe vai ser enviada a bola pelo Lançador, tenta bater a bola para o mais longe possível...

- 1) Se a bola sair do campo, pelo ar, são 6 pontos.
- 2) Se a bola sair do campo, pelo solo ou a bater pelo solo, são 4 pontos.
- 3) Se a bola for batida para dentro do campo, para o mais longe possível, os Batedores podem marcar pontos, trocando dos seus lugares, as vezes que forem possíveis. A partir do momento que os Defesas do campo apanhem a



bola e passem para o Defesa Receptor, os Atacantes já não podem trocar de posições. Por cada troca de lugares dos Batedores corresponde a 1 ponto...

Os Defesas

Os Defesas colocam-se no campo

- a) 2 perto do Rectângulo - 1 é Lançador e 1 é Receptor
- b) 4 no Espaço Interior
- c) 5 no Espaço Exterior

Formas de Eliminar o Atacante Batedor

Por Derrube do Wicket pelo Lançador

O Defesa Lançador vai tomar balanço, numa zona afastada do Rectângulo e vai correr até à linha da Extremidade do Rectângulo, onde vai ter que lançar a bola...

A bola tem que acertar no solo uma vez e derrubar uma das 3 varetas que faz parte do "Wicket".

Se derrubar o Wicket o Batedor está eliminado!

Por Bola Aérea

Uma bola batida pelo Batedor e que seja apanhada no ar por qualquer Defesa, o Batedor está eliminado por bola aérea.

Por Derrube do Wicket pelo Defesa Receptor ou outro Defesa

Uma bola batida pelo Batedor que envie a bola para longe e que é aproveitada pelo Batedores, para trocarem rapidamente dos seus lugares, pode ser aproveitada pelos Defesas.

Assim, quando os Atacantes não estão nos seus sítios, os Defesas fora do Rectângulo podem rapidamente apanhar a bola do chão e rapidamente passarem para o Defesa Receptor para este derrubar o wicket ou então ser um defesa que irá, de longe, acertar no wicket..

Por Defesa Proibida do Batedor com o Joelho

Se o Batedor defender a bola com os seus joelhos de protecção, impedindo o derrube do wicket então, o Batedor está eliminado

Contagem dos pontos

O jogo é constituído por partidas e pelo número de lançamento de bolas...

Em cada partida, uma equipa ataca e outra defende até haver 10 Batedores eliminados ou 10 wickets derrubados ... depois troca... a equipa que estava a atacar vai defender e a equipa que estava a defender vai atacar...

O número de lançamentos definidos são os "Overs"... cada Over corresponde a 6 lançamentos seguidos efectuados pelo mesmo jogador... 1 Over = 6 Lançamentos.

Exemplo: 6 Lançamentos seguidos do Marcelo, depois 6 Lançamentos seguidos do António, de seguida 6 Lançamentos do Marcelo novamente... A equipa do Marcelo quando eliminar 10 Batedores ou derrubar 10 Wickets no número de lançamentos definidos no jogo, então, a equipa do João que estava a Defender vai atacar e o adversário vai deixar de atacar para defender. Quando a equipa "A" está a atacar tenta fazer o maior número de pontos... por exemplo - 100 pontos... a equipa "B" que está a defender, vai lançar as bolas para derrubar os wickets...

Exemplo: uma equipa consegue derrubar 6 wickets ao fim de 120 lançamentos de bolas...

Ou seja, se no jogo de cricket for definido 20 Overs numa partida ($20 \times 6 = 120$ Lançamentos), a equipa "B" só consegue derrubar 6 wickets e o resultado fica:

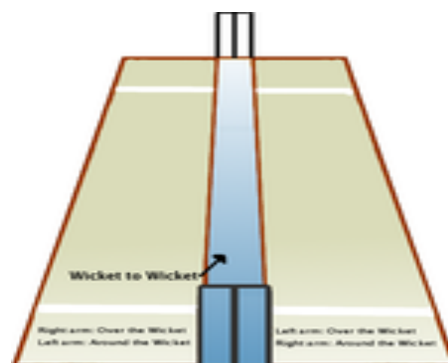
Equipa "A" = $100 / 6$ (100 pontos marcados pela equipa "A", sofrendo 6 derrubes)

Agora, vai atacar a equipa "B" e defender a equipa "A"...

A equipa "B" consegue fazer 101 pontos e sofre 6 derribes

Equipa "B" = $101 / 6$

Portanto, ganhou a equipa "B" por ter conquistado o maior número de pontos...





Curling

História:

O Curling é um desporto de Inverno que terá surgido aproximadamente na Idade Média na Flandres (zona norte da Bélgica). A existência do jogo no século XVI é comprovada por vários artefactos que permaneceram até aos dias de hoje como pedras de jogo ou mesmo objectos de arte como o famoso quadro do pintor holandês Pieter Breughel de 1560 mostra a cena de uma partida semelhante à do Curling, no qual é lançada uma bola de gelo e os atletas utilizam uma espécie de vassoura para fazer com que a bola chegue o mais próximo possível do alvo. Existem também outros registos destas partidas na Escócia que acaba por ser o local onde são criadas as primeiras regras detalhadas do Curling. Após isto o Curling começa a ganhar mais popularidade pelo mundo chegando até ao Canadá, que é hoje o principal país praticante (mais de 1 milhão de federados).

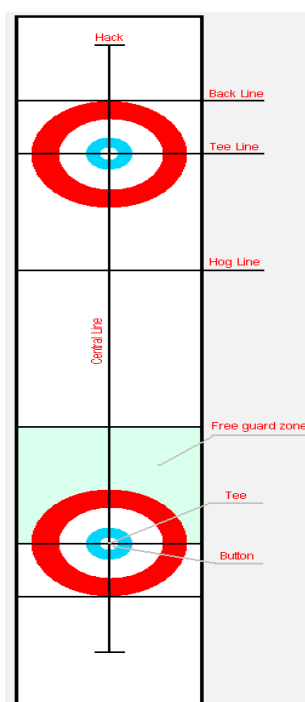


Regras

O Curling é jogado numa pista de gelo, com pedras de granito que pesam cerca de 19 kg. O tamanho da superfície de jogo é aproximadamente 42 m de comprimento por 4,25 m de largura. No final da pista existe uma “casa de marcação” (vários anéis concêntricos) onde deverão ser colocadas as pedras lançadas. O jogo é dividido em 10 “ends”, sendo que um “end” é algo equivalente a um “set” no ténis. Em cada “end” os 4 elementos de cada equipa lançam 2 pedras cada um. O objectivo é, após jogar todas as pedras em cada “end”, colocar uma pedra da nossa equipa o mais próximo possível do centro da casa, também chamado “button”. Após o lançamento de todas as pedras, a equipa com a pedra mais próxima do “button”, dentro da “casa de marcação”, ganha o “end” – marca 1 ponto. Se tiver também a segunda pedra mais próxima do centro, marca 2, e assim por diante, 3 pontos se tiver as 3 pedras mais próximas... Após cada “end” somam-se os pontos obtidos. No final do 10º “end” ganha a equipa com maior número de pontos. Em caso de empate recorre-se a um “end” extra para desempatar. Quando a diferença no marcador é muito grande após o 6º “end”, os jogadores da equipa que está a perder, podem aceitar a derrota, sem que haja necessidade de continuar o jogo. Existem 3 tipos de lançamento principais:

- **Draw** (lançamento simples da pedra para a casa de marcação)
- **Takeout** (objectivo é retirar a pedra adversária da casa de marcação)
- **Guard** (colocação de uma pedra de forma a proteger outra)

Paralelamente a estes lançamentos existem ainda outros que na sua maioria se ramificam a partir destes três mais básicos.



Indoor Bowls

Acredita-se que tenha sido desenvolvido por egípcios, com base em artefactos encontrados, mas as certezas que se têm é que é um desporto tipicamente britânico que depois se espalhou pelos países que agora compõem a Commonwealth. Foi também divulgado pelo resto do mundo e assumiu diversas formas.

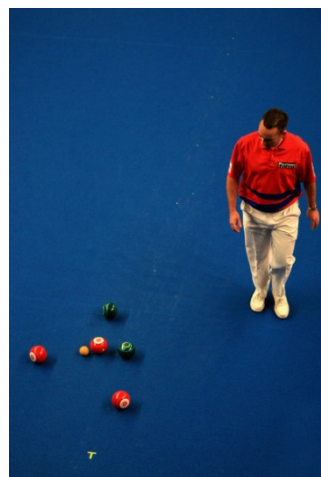
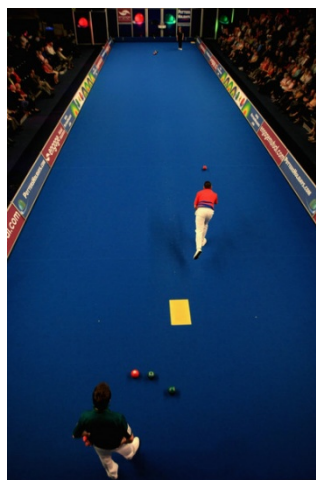
O jogo é simples: atirar bolas assimétricas (as bowls) e ver qual fica mais próxima de uma pequena bola branca (chamada “Jack” ou “Kitty”). É habitualmente jogado ao ar livre, na relva ou em superfícies sintéticas, mas também existem versões indoor e até de mesa! O campo mais antigo de que se tem conhecimento está activo desde 1299 e fica em Southampton, Inglaterra.

Sabe-se que este jogo sempre foi muito popular, estando Sir Frances Drake e o Rei Henrique VIII entre os seus apreciadores. Como não é muito exigente a nível físico, cativa jogadores de todas as idades.

A Associação Inglesa de Bowling nasceu em 1903 e organiza várias competições a nível nacional. O bowls pode ser jogado em “singles” ou equipas, variando o número de bolas que se podem lançar. Nas provas individuais, cada jogador lança 4 bolas alternadamente na direcção da “bola alvo”. O terreno é rectangular e nivelado e o jogador que tiver conseguido chegar mais perto da bola branca ganha um ponto, que aqui se chama shot. O primeiro jogador a fazer 21 shots ganha! Em cada “end” que compõe cada set cada jogar lançam 4 bowls e cada set tem um máximo de 11 ends.

Associação Inglesa de Indoor Bowls - <http://www.eiba.co.uk/>

Regras do Bowls - <http://bowlstawa.com/labs/lob/lobfs.html>



Disc Golf

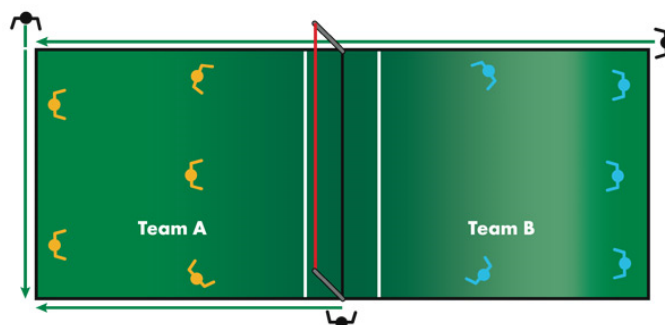
Disc golf é um jogo muito parecido com o golfe tradicional. No entanto, em vez de uma bola e tacos, jogadores usam um disco de voo ou Frisbee. O desporto foi formalizado nos anos 70 e compartilha com "bola de Golfe" o objecto de conclusão de cada buraco com o menor número de tacadas (ou, no caso do Disc Golfe, menor número de lançamentos). Um disco de golfe é lançado de uma área a um destino que é o "buraco" que é chamado um Hole, normalmente formado por um cesto de metal. O lançamento é efectuado com o objectivo de atingir o Hole no menor número de lançamentos possível, sendo que um lançamento é recomeçado do local onde o disco aterrou. Ao longo dos diferentes "buracos" vão surgindo obstáculos que devem ser ultrapassados, como árvores ou lagos.

As suas origens são incertas, mas o primeiro registo deste desporto pode ter sido efectuado na cidade canadiana de Vancouver. A crescente adesão a este desporto pode ser facilmente explicada pela sensação única que é lançar um disco com força e precisão. Este motivo, assim como o baixo custo em termos de material, são os pontos mais fortes desta modalidade em desenvolvimento.

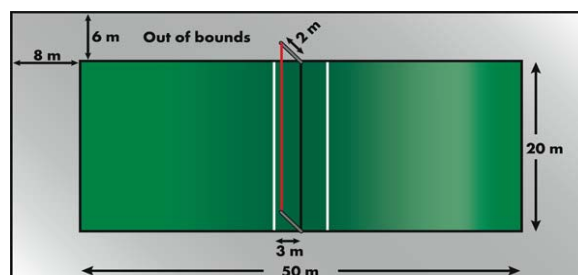


Fistball

Trata-se de um desporto semelhante ao voleibol, por ser seu precursor, com a diferença de ser jogado em um campo de relva que mede 50 m x 20m, com cinco jogadores de cada lado, com seus 1000m² preenchidos por 10 atletas.



O campo é dividido ao meio por dois postes, onde é esticado um cabo ou rede, que varia de 3 a 7 centímetros de largura, à uma altura de 2m (adulto masculino) ou 1,90m (adulto feminino). Todas as jogadas são efectuadas com o punho fechado e as defesas com o antebraço. O país que mais pratica este desporto é a Alemanha.



Cada equipa tem por objectivo rebater a bola sobre a rede (fita/corda) de maneira a impedir ou pelo menos dificultar a sua devolução pelo adversário. Uma jogada perdura até que uma equipa cometa um erro ou haja outro tipo de interrupção. Cada erro cometido por uma equipa contabiliza um ponto positivo para a equipa adversária.

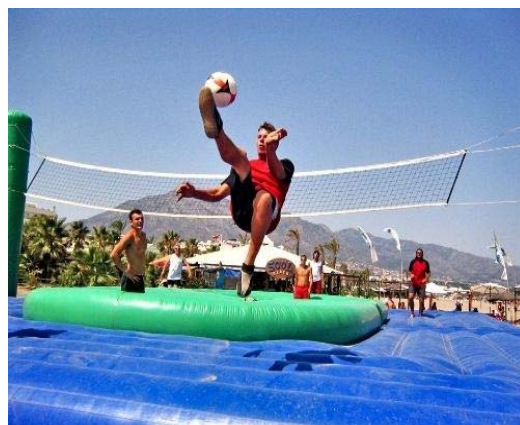


Um set é vencido logo que uma equipe obtém 11 pontos com diferença mínima de 2 pontos; caso contrário, joga-se até que haja uma diferença de 2 pontos. O set entretanto, termina quando uma equipa atinge 15 pontos. Após o primeiro set troca-se campo, escolhe-se a posse de bola e serviço inicial. Havendo necessidade de um set decisivo, procede-se a novo sorteio. Logo que uma equipa tenha obtido 6 pontos, troca-se de campo, escolha de bola e serviço inicial. O intervalo entre set's é no máximo 2 minutos.

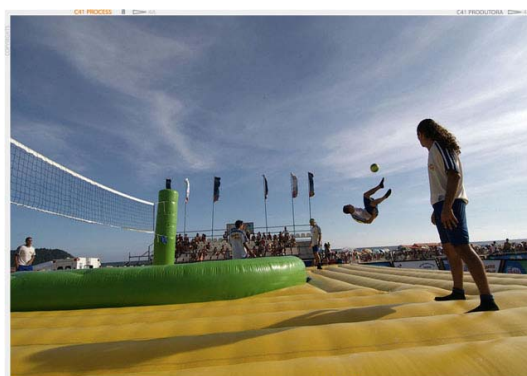


Bossaball

Bossaball é um jogo entre duas equipas que combina futebol com ginástica, voleibol e capoeira, assistido por árbitros que para além do apito, têm um microfone, vários instrumentos de percussão e arbitram ao ritmo do samba. O BossaBall foi criado, há três anos, pelo produtor musical belga Filip Eyckmans, que decidiu unir suas grandes paixões: o desporto e a música. Podia ser um desporto inventado no Brasil, mas não é, nasceu na Bélgica.



A superfície de jogo é um gigantesco colchão insuflável e dois trampolins redondos, separados por uma rede ao género das de voleibol. Sendo insuflável, é móvel e pode ser montado em 45 minutos no sítio que quisermos. O objectivo do Bossaball é conseguir que cada equipa faça a bola cair no lado adversário.



Cada equipa tem direito a um máximo de oito toques na bola até que o jogador sobre a cama elástica se posicione para passar a bola para o outro lado. A bola pode tocar em qualquer parte do corpo do jogador porém só uma vez com a mão ou duas vezes consecutivas com os pés ou com a cabeça. A equipa marca um ponto quando a bola cai no campo da equipa adversário. Se a bola cai na cama elástica a equipa marca três pontos.



Regras

- Cada equipa é composta por 4 jogadores. Um jogador fica no trampolim e os outros 3 jogadores nos colchões insufláveis em redor.
- O jogador central é responsável por fazer a primeira defesa, se necessário e pular no trampolim para ganhar altura, enquanto os três jogadores preparam a jogada. Quando o jogador principal atingir uma altitude de ataque, a bola é levantada por um dos 3 jogadores armadores e o ataque acontece.
- Cada equipa pode ter no máximo 8 toques na bola em cada jogada, o que significa que após a defesa, tem até **6 toques** para o jogador do trampolim se preparar para um novo ataque.
- O jogador pode tocar a bola com qualquer parte do corpo.
- Com as mãos, é permitido apenas um toque;
- Com as demais partes do corpo o jogador pode dar até dois toques consecutivos em uma mesma jogada.
- A duração dos jogos é de 10 minutos.

Octopush – Hóquei subaquático

História

O Hóquei subaquático foi inventado em 1954 em Inglaterra por Alain Blake com o intuito de entreter os mergulhadores na altura do inverno. Inicialmente chamado "Octopush", o Hóquei subaquático ao longo dos anos foi sofrendo modificações a nível de equipamento, número de jogadores e outros factores decisivos para torna-lo na modalidade internacional que é hoje em dia. Hoje em dia é praticado em quase todos os países da Europa com destaque para o Reino Unido, França, Holanda que são as maiores potências, a nível Mundial temos países como África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Colômbia, Estados Unidos da América e Canada.

Em Portugal a modalidade existe oficialmente desde 2007, tendo ocorrido experiências prévias a esta data mas só em 2007 foi criado o primeiro clube oficial de Hóquei Subaquático. Desde então o crescimento tem sido muito significativo. Hoje em dia encontram-se 6 clubes a praticar em Portugal:

Regras

O Hóquei Subaquático joga-se numa piscina que tenha as dimensões entre 20-25 metros de comprimento e 12-15 metros de largura, devem ter uma profundidade mínima de 1.80 m (mínimo para competições oficiais, para treinos qualquer piscina pode ser utilizada) e máxima de 3.65m desde que a inclinação máxima não exceda os 10%, o ideal será de 2.20m de profundidade constante. As equipas são constituídas por 6 atletas e mais 4 suplentes sendo as substituições ilimitadas. Nas extremidades da piscina estão colocadas no fundo uma baliza com 3m de comprimento e 18 cm de largura onde devemos introduzir o disco (1.3kg de chumbo revestido de borracha) na calha da baliza.

Site oficial da Comissão de Hóquei Subaquático da FPAS
(Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas) -
<http://hoqueisubportugal.wordpress.com/sobre/>



Material



1. **Máscara de mergulho»** usamos a máscara dado que o jogo disputa-se sempre no fundo da piscina e assim temos não só uma melhor visão debaixo de água sem esforçar a vista mas também mais uma protecção a nível da face.
2. **Toucas»** São usadas para protecção e para ajudar a distinguir as equipas.
3. **Tubo»** O uso do tubo é fundamental no jogo porque assim não precisamos de tirar a cara debaixo de água para respirar e assim nunca perdemos o contacto visual com o disco.
4. **Luva»** Mais uma maneira de distinguir as equipas e de protecção da mão que agarra o stick dado que cada jogador só usa uma luva.
5. **Barbatanas»** Existem vários tipos e formas de barbatanas que podem ser utilizadas no Underwater Hockey. Temos é de ter sempre atenção num factor de segurança para nós e para os outros jogadores, as barbatanas a sua volta tem que acabar sempre em borracha pois o contacto com os outros jogador é inevitável e sem essa protecção poderemo-nos cortar. Quanto ao tipo de barbatana pode ser aquela a que nos adaptarmos melhor.
6. **Stick»** É a única maneira que temos para poder tocar no disco. Cada pessoa deverá numa fase mais avançada ter os seus próprios sticks dado que para podermos fazer tanto os passes como a nível de técnica individual estar bem habituados a jogar sempre com os mesmos sticks. Existem variadíssimas formas e desenhos de sticks para todos os gostos mas apenas tem que respeitar a alguns aspectos de dimensões. Os sticks para dextros e esquerdinos são iguais mas simétricos. Servem também para distinguir as equipas através das cores.
7. **Disco»** a peça fundamental para um jogo. O disco pode ter várias cores mas sempre com as mesmas dimensões. De altura tem 3cm podendo variar entre 2mm, de diâmetro tem 8cm e o seu peso pode variar entre 1.3kg e 1.5kg . O disco a sua volta no exterior é envolvido por uma borracha para que assim não estrague a piscina nem os sticks. O stick permanece sempre no fundo da piscina.

Timbersports

Timbersports é um desporto composto por várias competições de “cortar lenha” onde os atletas competem utilizando machados e serras típicos de lenhadores. Foi fundada em 1985 e actualmente inclui seis disciplinas diferentes. Os Timbersports foram iniciados em 1985, de um modo mais oficial, e a sua primeira transmissão televisiva decorreu numa prova no estado do Wisconsin, nos Estados Unidos. Nesta altura não existia um campeonato formal e as competições eram realizadas de modo isolado.

Mas tudo mudou com a STIHL identificou as potencialidades deste desporto e tornou-se no seu principal patrocinador, realizando campeonatos numa escala global para os atletas de elite desta modalidade. Esta visão da STIHL tinha como objectivo a descoberta e consagração do melhor lenhador do mundo numa série de competições. Com esta situação o desporto evoluiu bastante, alargando o seu “mercado” de atletas à Europa a partir do ano de 2005.

Eventos

Na actualidade todas as competições são compostas por 6 provas:

- **Springboard:** O concorrente usa duas placas de mola para subir ao topo de um poste de nove metros e corta um bloco a partir do topo do mastro. O bloco deve ser cortado em ambos os lados.
- **STIHL Stock Saw** - Os competidores começam com as duas mãos no tronco. Quando o sinal é dado, os serradores, usando motosserras STIHL iMS660 profissionais, tem de fazer dois cortes iguais no tronco, não ultrapassando a espessura marcada no tronco com uma linha preta. Se os atletas cortarem para além dessa linha são desqualificados nesta prova.
- **Underhand Chop** - O concorrente está em cima do tronco que vai ser cortado, com os pés separados e colocados nas extremidades do tronco. Ao sinal, ele começa a cortar a área do tronco entre os seus pés. Devem ser cortados os dois lados do tronco, podendo o atleta mudar ao longo da prova o lado do corte. O utensílio utilizado é um machado.



- **Single Buck-** OS concorrentes realizam um corte num tronco de pinho branco utilizando uma serra. Os atletas podem ter um auxiliar que lhes vai lubrificando a serra à medida que estes vão cortando. O cronómetro termina de contar quando a parte que está a cortar cai no chão, visivelmente separado do tronco.
- **Standing Block Chop-** é uma corrida para aferir o concorrente mais rápido no corte de um tronco de pinho branco. Os cortes devem ser realizados de ambos os lados e o cronómetro para quando o tronco estiver visivelmente cortado.
- **Hot Saw –** Nesta prova os concorrentes usam uma motosserra com uma corrente e motores modificados. AO sinal o concorrente tem de realizar 3 cortes numa área limitada por uma linha preta, para controlarem a espessura dos mesmos cortes aumento o grau de dificuldade da prova.



Campeões de Séries

1985 - Mike Sullivan
 1986 - Mel Lentz
 1987 - Rolin Eslinger
 1988 - Mel Lentz
 1989 - Rolin Eslinger
 1990 - Mel Lentz
 1991 - Mel Lentz
 1992 - Mel Lentz
 1993 - Rolin Eslinger
 1994 - Matt Bush
 1995 - Mel Lentz
 1996 - Harry Burnsworth
 1997 - Jason Wynyard
 1998 - Jason Wynyard
 1999 - Jason Wynyard
 2000 - Jason Wynyard
 2001 - David Bolstad
 2002 - Jason Wynyard
 2003 - David Bolstad
 2004 - David Bolstad
 2005 - Jason Wynyard
 2006 - Jason Wynyard
 2007 - David Bolstad

2008 - David Bolstad
 2009 - Jason Wynyard

Campeões Europeus

2002 - Thomas Gerber
 2003 - Martin Komárek
 2004 - Martin Komárek
 2005 - Martin Komárek
 2006 - Martin Komárek
 2007 - Dirk Braun
 2008 - Dirk Braun

Campeões Europeus Equipas

2004 - Reino Unido
 2005 - França
 2006 - Suíça
 2007 - Suíça
 2008 - República Checa

Wakeboard

O wakeboard é um desporto aquático praticado com uma prancha tipo snowboard, puxado por uma lança. Foi inventado nos Estados Unidos e inicialmente praticava-se com uma prancha de surf com fixações. Surgiu como uma alternativa para os surfistas nos dias de pouca ondulação. Foi assim que surgiu a idéia do wakeboard, mais precisamente no ano de 1979, quando o norte-americano Tony Finn, inventou o "skurfing", o embrião do desporto

A partir daí, novos modelos foram sendo construídos e aperfeiçoados, até a chegada, em 1988, da Hyper XP, uma prancha criada pelo norte-americano Herb O'Brien e pelo havaiano Eric Perez, capaz de permitir maior velocidade e maior aproveitamento das manobras. Com essa prancha o havaiano sagrou-se campeão mundial.

Após Perez, surgiu a prancha desenvolvida por Darin Shapiro. A prancha Shapiro fez o maior sucesso e venceu quatro campeonatos mundiais.

Equipamentos

Uma prancha, uma corda e um barco. Esses são os equipamentos básicos e necessários para a prática do wakeboard. A prancha deve estar de acordo com o peso e o tamanho do atleta.

Geralmente as medidas são: 1,35m de comprimento, 45cm de largura e a sua espessura é de 1 cm. É ideal para a prática do desporto e possibilita uma maior velocidade e aproveitamento nas manobras.

A corda é o elo entre o barco e o atleta. Ela não pode ser elástica, pois faz o atleta perder o equilíbrio enquanto está no ar. Quanto mais rígida for, melhor. A medida varia entre 15 e 19 metros. Quanto maior a distância entre o atleta e o barco, maior é o tempo que o "wakeboarder" ficará no ar. As duas forças principais que mais influenciam o movimento da prancha de wakeboard são a **resistência** (drag) que a prancha encontra ao mover-se pela água e a **tensão** da sua corda.

Tensão é uma **força de reacção**: Está directamente relacionada à força aplicada na corda. Quanto mais se puxar a corda, mais alta será a tensão e mais força a corda exercerá sobre o praticante. Para manter a prancha flutuando, a tensão da corda é necessária para agir contra o peso da gravidade e impedir que o atleta se afunde quando passa pela superfície de tensão da água.

O barco deve ter um motor que mantenha a velocidade e que ande em linha recta, além disso deve estar pesado, assim fará uma maior onda e facilitará o atleta.



Kabaddi

O Kabaddi é um desporto colectivo praticado no subcontinente indiano, sendo o desporto nacional do Bangladesh. O Kabaddi é uma das artes mais difíceis de aprender devido à rígida disciplina mental e controle corporal que o aluno deve desenvolver. Embora seja menos violento que a maioria dos outros estilos, o *kabaddi* traz vitória aos seus praticantes através de táticas estranhas e inesperadas. Originário da Índia, é uma modalidade desportiva colectiva de contacto, envolvendo defesa e ataque. Os sete jogadores de defesa têm como objectivo capturar o jogador atacante, impedindo que ele retorne para o seu campo. Ao atacante só é possível marcar o ponto se, no momento do ataque, pronunciar sucessivamente “kabaddi, kabaddi...”. A história do Kabaddi vem da pré-história quando os homens defendiam-se dos animais e oponentes e atacavam em busca de alimentos. Embora não tenha registo formal, existem evidências que o Kabaddi tenha 4.000 anos. Na história épica da Índia um jovem guerreiro, Abhimanyu, sofreu uma emboscada envolvendo sete homens que fizeram uma barricada protegendo o ‘Chakrabhuha’. O jovem guerreiro tentou ultrapassar a barricada mas foi cercado e capturado pelos sete homens defensores, derivando-se daí o jogo. Por ser uma modalidade de baixo custo, sem o uso de equipamento específico e possuir espaço de jogo reduzido (campo com 10m x 12,5m), o desporto desenvolveu-se rapidamente nas crianças em idade escolar, principalmente as que frequentam escolas públicas e comunidades carentes de diversos países.

Cronologia da Modalidade

1936 - Nos Jogos Olímpicos de Berlim, o Kabaddi foi a modalidade desportiva demonstração e nesta ocasião foi oficialmente reconhecido como modalidade desportiva.

Décadas de 1950 – 1970 - A Federação Indiana de Kabaddi-KFI foi fundada em 1950, regulamentando o jogo e criando regras pela primeira vez. O primeiro Campeonato Indiano de Kabaddi aconteceu em 1955 e as mulheres puderam competir nesta inauguração. Em 1969 a Inglaterra fundou a Federação Inglesa de Kabaddi e realizou o 1º Campeonato Inglês da modalidade. Em 1973 foi fundada a Federação Indiana de Kabaddi Amador-AKFI, reformulando as regras e tornando o desporto mais atractivo. Juntamente com as Federações do Paquistão, Malásia, Nepal, Sri Lanka e Bangladesh, a AKFI, em 1975 fundou a Federação Asiática de Kabaddi.

1982 – 1991 - O Kabaddi foi um dos desportos demonstração dos Jogos Asiáticos de 1982 e, em 1990, foi incluído definitivamente neste evento. Seis países reuniram-se e fundaram a World Kabaddi Federation em 1991: Índia, Paquistão, Malásia, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos. Neste mesmo ano, ocorreu o primeiro Campeonato Mundial na história do Kabaddi, envolvendo as selecções da Índia, Paquistão, Canadá, Inglaterra e Estados Unidos.

